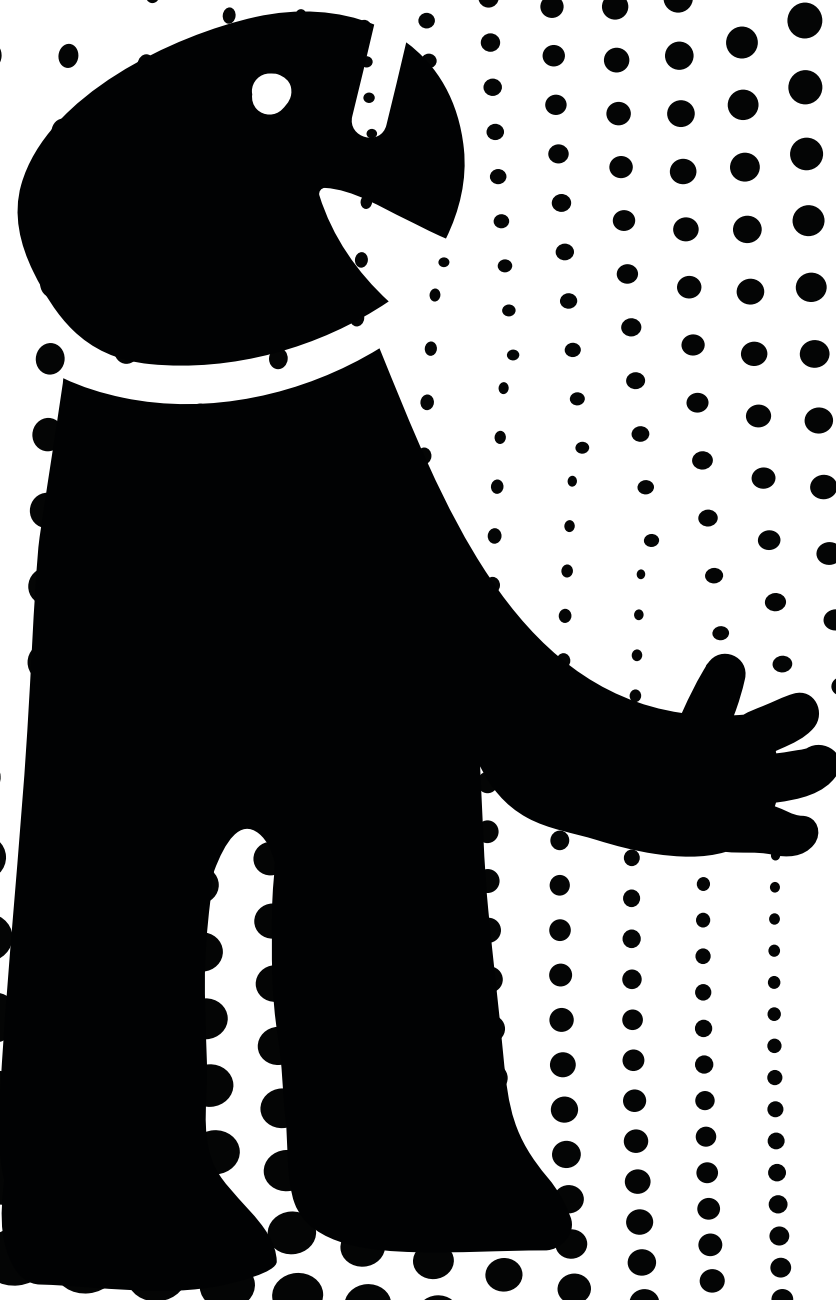


5

COMUNICAÇÃO & RELACIONAMENTOS

0
PROJETO



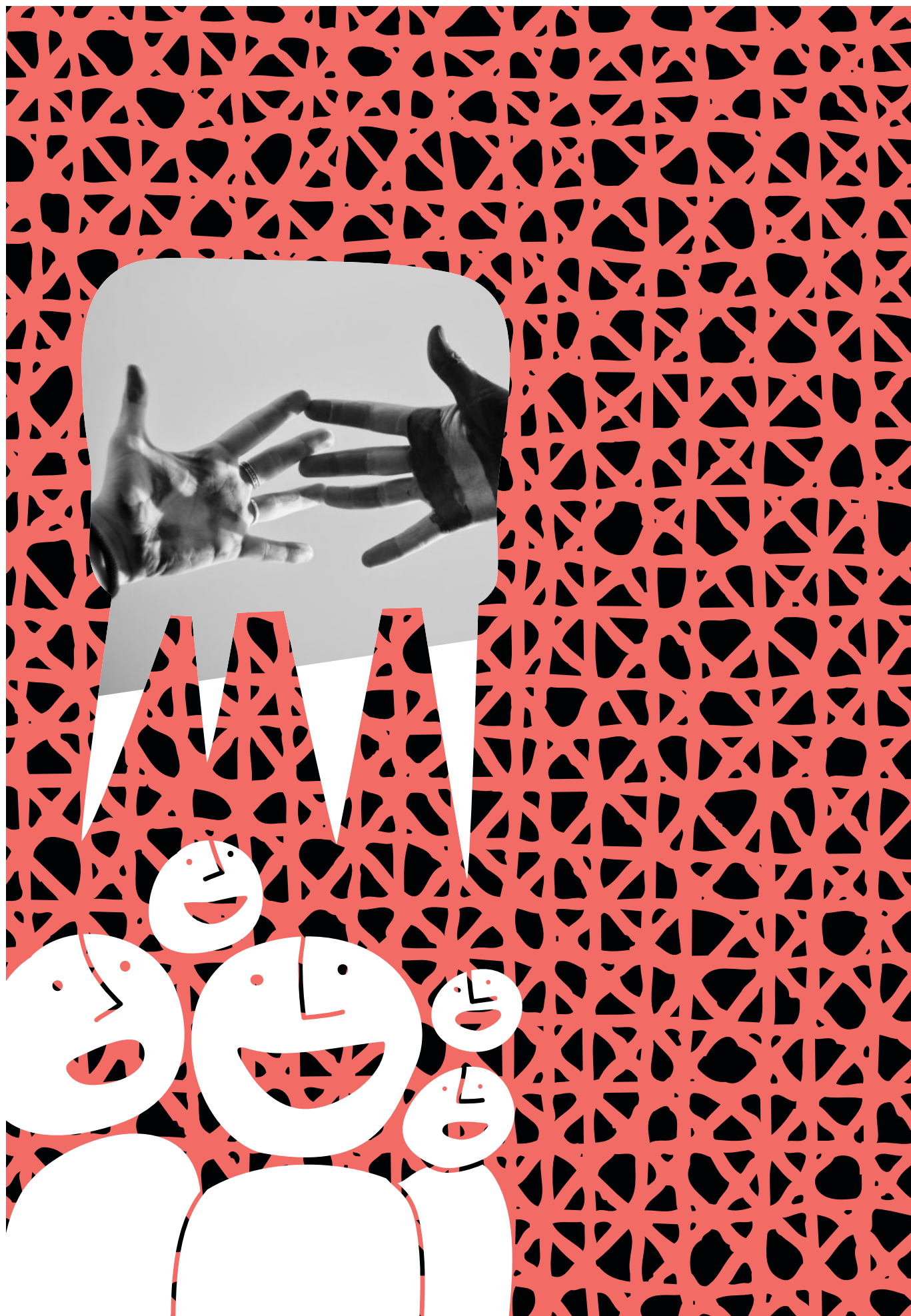
A violência tem consequências físicas, psicológicas e sociais para quem a vivencia, bem como para as suas famílias e comunidades, nomeadamente quando falamos de vítimas crianças e adolescentes. No Brasil, apesar dos serviços oferecidos pelo Estado, o acesso a esses serviços é dificultado por uma série de obstáculos – como a distância física dos serviços, a necessidade das crianças e dos adolescentes serem acompanhadas por uma pessoa responsável e a dificuldade em dar respostas efetivas à tantas demandas complexas e específicas. Dentro deste contexto, a escola pode ser um espaço importante para prevenir, identificar e agir perante situações de violência, não só pelo tempo de permanência dos jovens na escola, mas pela possibilidade de criar múltiplas estratégias para lidar com essas situações.

Sabemos que o investimento no desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes tem um impacto fundamental na sua vida adulta e na qualidade das relações que estes irão estabelecer (Cunha, Heckman, Schennach, 2010; Lannen e Ziswiler, 2014). Estes autores constataam que pouca atenção tem sido dada aos fatores de risco psicossociais como a violência doméstica, estrutural e urbana que pode afetar a infância de modo danoso. Os estudos sugerem que a exposição das crianças e adolescentes à violência urbana e doméstica pode colocá-los em maior risco ao nível de problemas relacionais, tais como comportamento agressivo, redução dos níveis de desenvolvimento socioemocional, além de afetar o comportamento futuro em relação aos próprios filhos (Walker et al 2011) e de poder ter repercussões significativas sobre a sua saúde, desenvolvimento e bem-estar (Lannen e Ziswiler 2014; ICRW e Instituto Promundo 2012).

O *Programa J: Trabalhando com jovens para prevenção de violências* foi desenvolvido no âmbito do Projeto *Jovens pelo Fim da Violência*. Este projeto piloto encerrou seu ciclo de 3 anos em dezembro de 2017 e foi financiado pelo Fundo Fiduciário das Nações Unidas de Apoio às Ações para Eliminação da Violência contra as Mulheres, (UNTF). O projeto teve por objetivo construir uma intervenção com base em metodologias já testadas e comprovadas para prevenir a violência contra jovens em cenários de alta violência urbana (Brasil) e pós-conflito (República Democrática do Congo). Inspirado nos Programas H, M e Living Peace (Instituto Promundo) e do Programa Expect Respect (adotado em escolas públicas de Austin, EUA), além da criação de conteúdos originais, desenvolvemos um currículo flexível e com uma abordagem interseccional para trabalhar a prevenção de violências com a juventude.

Através destes quatro Programas, e de outros subsídios e referências na área da violência de gênero, no Rio de Janeiro fizemos um processo de desenvolvimento participativo de metodologia, em parceria com um grupo multidisciplinar de profissionais (psicólogas/os, professores/as, assistentes sociais e pesquisadores/as) do Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares (NIAP) da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME) e do Núcleo de Atenção à Violência (NAV)¹. Após 4 ciclos de implementação de oficinas nas escolas alcançamos um total de quase 500 jovens e 150 professoras(es) e outras/os profissionais com atuação em meio escolar.

1 ONG especializada no atendimento de crianças e adolescentes vítimas de violência.



O resultado desse processo de (des)construção intensa e coletiva foi a criação desta Caixa de Ferramentas Didáticas, composta por 5 volumes, que discutem questões relacionadas à comunicação, relacionamentos, raça, gênero, participação juvenil e diversidade, relacionando-os com a temática geral da Violência. Encontra-se em desenvolvimento um 6º volume dedicado exclusivamente ao debate sobre raça, etnia e gênero, pois apesar de adotarmos uma abordagem interseccional em todos os volumes, após 3 anos de projeto compreendemos que a discussão desses temas precisa de todos os reforços possíveis. Tendo em conta todos os desafios do contexto, nosso objetivo principal consistiu em desenvolver um material de utilização flexível e versátil para ser utilizado por profissionais que já desenvolvem ou queiram desenvolver algum trabalho com jovens, seja na escola seja em outros espaços socioeducativos, visando o debate e a reflexão sobre as inúmeras formas de violência.



SOBRE O PROMUNDO

O Instituto Promundo é uma organização não governamental fundada em 1997 no Rio de Janeiro, que atua no Brasil e internacionalmente para promover a igualdade de gênero com foco no envolvimento de homens e mulheres. Transformar normas e dinâmicas de poder relacionadas ao gênero é um fator estratégico para prevenir violência, promover saúde e relações igualitárias entre diferentes grupos. Com base em pesquisas, o Promundo busca identificar os fatores que levam à desigualdade de gênero e aqueles que contribuem para a transformação dessa realidade. Assim, são criadas, testadas e avaliadas metodologias para envolver homens e meninos e favorecer o empoderamento de mulheres e meninas, utilizando esportes, escolas, unidades de saúde, empresas e outros espaços. As pesquisas e o resultado da avaliação dos programas e ações desenvolvidos pela organização são utilizados para influenciar políticas públicas que possam aumentar o impacto na transformação das relações de gênero. Para mais detalhes, acesse: **www.promundo.org.br**



INICIANDO A CONVERSA

Sabemos o quanto o seu dia é cansativo e o quanto são demandadas de você uma série de tarefas, como: preparar as suas aulas e/ou atividades, lidar e resolver situações que fogem do seu planejamento, corrigir provas, testes, exercícios, ir à reuniões e ainda dar conta de atividades extraclasse e de todos os outros compromissos do seu cotidiano.

Este material não surge para sobrecarregar o seu dia, pelo contrário, ele tem como objetivo apresentar a discussão de um tema, propor atividades, dar algumas dicas, sugerir algumas ideias, apontar possíveis caminhos estratégicos para manejar situações que podem ser complexas e contribuir com a sua prática profissional.

Queremos que esta seja uma fonte de consulta para quando surgir a discussão de um tema que permeia a adolescência e a juventude. A ideia é ser apenas uma fonte, justamente para você poder consultar, se informar, mas também ter a liberdade de criar e se apropriar deste material, conforme as suas próprias experiências e o local em que está atuando.

Cada volume desta Caixa de Ferramentas apresenta um tema específico, dentro do tema geral da Violência. Porém, você também poderá articular as discussões entre os temas específicos, de acordo com as necessidades percebidas por você. Todos os cinco volumes estão interligados e fazem sentido, tanto juntos, quanto separados. Então: sinta-se à vontade para explorar este material da forma que lhe for mais útil.

Este volume, aborda o tema "Comunicação e Relacionamentos". Nele, iremos discutir como a comunicação pode afetar nossas vidas e influenciar relacionamentos. A comunicação está presente na maior parte do nosso dia, mesmo que nem sempre exista uma comunicação de forma verbal. Comunicar de forma não-violenta pode evitar desentendimentos e ajudar a construir relacionamentos saudáveis.



Com a rotina do nosso dia a dia, muitas vezes não percebemos como estamos nos comunicando. Este volume pretende ser um convite para pararmos e pensarmos de que forma nós estamos comunicando e em como isso pode afetar nossas relações sejam elas amorosas, de amizade ou profissionais.

Nós acreditamos que podemos ser diferentes entre nós e que somos livres para estarmos no mundo como quisermos, sem que tenhamos de vivenciar situações de violência, por exemplo. Consideramos fundamental que se tenha respeito por cada pessoa e seu jeito singular de existir. Mas será que todas as pessoas podem ser aquilo que desejam? Será que na prática é assim que funciona com todo mundo? Todas as pessoas têm o direito de se expressar e de se colocar no mundo como querem?

Por falar em prática, é importante pontuarmos sobre essa parte essencial do nosso trabalho. Nós sabemos que não é fácil colocar em exercício tudo aquilo que aprendemos ao longo dos anos e ao mesmo tempo refletir criticamente e ter um posicionamento ético. Este trabalho demanda tempo, faz parte de um processo e precisa sempre ser questionado. Portanto, gostaríamos de pontuar que, para nós, uma postura ética², passa por fazer leituras, discussões das situações e de se posicionar sem que nossas opiniões pessoais limitem a liberdade de outras pessoas e restrinjam os direitos de determinados grupos sociais. Enfatizamos, então, que acreditamos e buscamos trabalhar visando uma sociedade totalmente equitativa e justa, um mundo mais vivível para todas as pessoas.

Aproveite o conteúdo e curta a leitura! :)

² Para saber mais sobre questões relacionadas à ética, ir para o Volume 1 – *Construindo vínculos: a força dos coletivos*



ÍNDICE DO MATERIAL

3	O projeto
5	Sobre o Promundo
6	Iniciando a conversa
11	Nosso posicionamento
13	Construindo formas de comunicação não-violenta
22	Religião e Violência
26	Atividade 1 – Tipos de comunicação
28	Atividade 2 – As 4 frases
29	Atividade 3 – Quero... Não quero... Quero... Não quero...
31	Atividade 4 – Cenas de violência contra mulher
35	Atividade de curta duração – Como inserir esta discussão em sala de aula?
30	Quebrando (pré)conceitos: jogo do quebra-cabeça
36	E se?
38	Como fazer um fanzine
46	Dicas
47	Serviços
50	Fechamento
51	Glossário



NOSSO POSICIONAMENTO

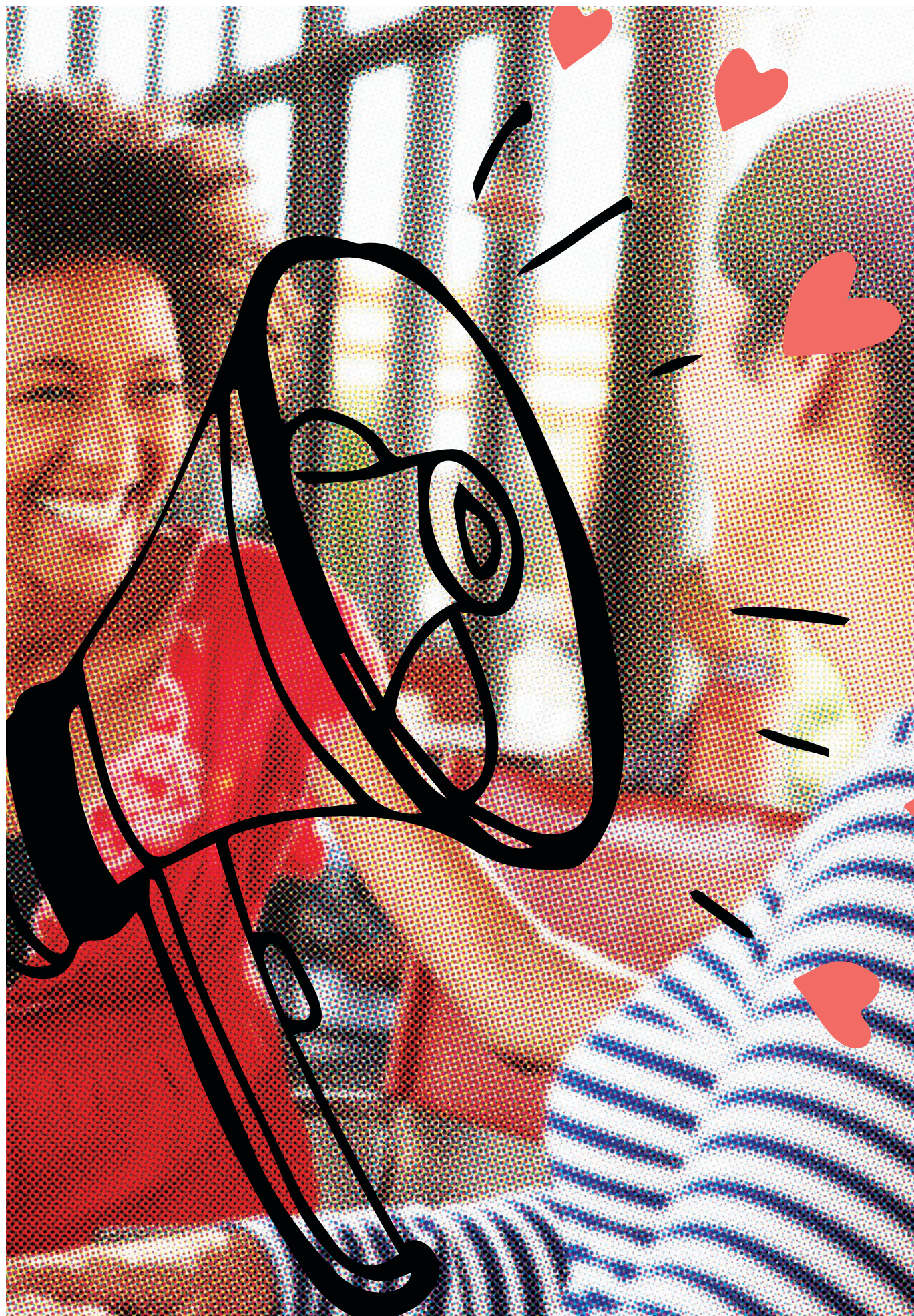
Antes de iniciarmos a discussão deste volume é importante falarmos sobre qual é o nosso posicionamento e o que nós buscamos e acreditamos. Nós, pessoas que elaboramos e pensamos neste material, entendemos que em qualquer produto elaborado, qualquer projeto ou discurso, tanto explícito, quanto implícito, sempre haverá um posicionamento, isto é, não acreditamos que exista a tal da imparcialidade. É comum pensarmos que não falar sobre algo ou se isentar de tomar alguma atitude é ser imparcial ou neutro. Contudo, entendemos que não falar sobre algo ou não tomar nenhum partido também significa uma tomada de posição, já sendo uma forma de se posicionar. Assim, uma vez que estamos **escolhendo** falar de um ponto de vista sobre algo, logo estamos nos posicionando frente aquele tema e/ou debate.

Vamos pensar assim: A elaboração de um material com determinada discussão ou o nosso discurso sobre uma temática é como contar uma história, é uma forma de narrarmos uma trajetória, um acontecimento. Quando contamos essa história, estamos falando de nosso ponto de vista, daquilo que vimos, achamos, sentimos, não gostamos, gostamos, acreditamos, buscamos, etc. Por isso, é importante falarmos sobre qual ponto de vista estamos contando essa história, pois assim fica mais honesto e as pessoas que estão ouvindo/lendo a nossa narrativa conseguem saber que estamos falando de um lugar específico e qual lugar é esse. Pensando nisso, e reforçando o nosso posicionamento ético e honesto, o que estamos fazendo neste tópico é justamente tornar evidente qual nosso ponto de vista e o porquê falamos de tal forma.

Assim, gostaríamos de deixar explícito que entendemos ser necessário discutir algumas questões que, normalmente são esquecidas no nosso dia a dia e estão naturalizadas socialmente, para a construção de uma sociedade mais igualitária. Para nós é importante falar e se posicionar sobre as questões de gênero, por entender que a violência de gênero é uma epidemia³ no Brasil. Portanto, utilizar a linguagem a/o, falar sempre que possível da violência contra a mulher, como também debater sobre a violência que acomete as pessoas LGBTI, as pessoas negras, faz parte da nossa ideia de falar sobre assuntos que usualmente são esquecidos, não só nos espaços escolares, mas na sociedade de forma geral.

E, por isso, **escolhemos** nos posicionar a partir de uma perspectiva que busca combater as violências, tentando informar a partir do nosso posicionamento, em quais momentos e de que forma certos discursos e atitudes podem ser ofensivos, violentos e causar sofrimento em algumas pessoas.

3 Fonte: <https://hacoesunidas.org/onu-mulheres-convoca-america-latina-a-acabar-com-feminicidios/>



CONSTRUINDO FORMAS DE **COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA:** UM PROCESSO EDUCATIVO

Nos dias de hoje é comum que não tenhamos tempo para muitas coisas devido às inúmeras tarefas e cobranças em nosso cotidiano. Muitas vezes o trabalho, o estudo, as tarefas de casas e os problemas pessoais fazem com que tenhamos que lidar com certas questões de forma imediata, sem conseguirmos nos organizar para resolvê-las em um momento mais oportuno. Isso dificulta até mesmo atividades que poderiam ser programas para o lazer e a diversão. E aí, nos perguntamos: “Como resolver tudo e lidar com a falta de tempo?”. Muitas coisas para resolver, pouco tempo para refletir, lidar com decisões importantes e a vida segue, a semana passa e quando vemos já estamos no final do mês.

No meio de tudo isso, de tantas tarefas e afazeres, pensamos poucas vezes na forma como nos comunicamos com outras pessoas e também não nos damos conta na forma com que as outras pessoas se comunicam conosco. As situações passam batidas. Acabamos entrando no modo automático e quando paramos para perceber, nem lembramos como ou o que de fato falamos com alguém. Que estranho, não? Afinal, a comunicação faz parte do nosso dia a dia. Nós estamos nos comunicando a todo momento, mesmo quando achamos que não estamos. Nossas expressões, nossos gestos, nossa postura, também passam informações e isso já é uma forma de nos comunicarmos com as outras pessoas.

No entanto, antes de falarmos especificamente sobre Comunicação, é importante pensarmos nos limites do nosso espaço e do espaço da/o outra/o. Faz-se necessário pensar nos espaços, pois eles podem delimitar a nossa forma de comunicar e a nossa percepção de até que ponto podemos ir em relação as/aos outras/os e a nós mesmas/os. Quais os limites do espaço da outra pessoa? Qual o meu espaço? Até que ponto eu estarei invadindo o espaço da/o outra/o e permitindo que invadam o meu?

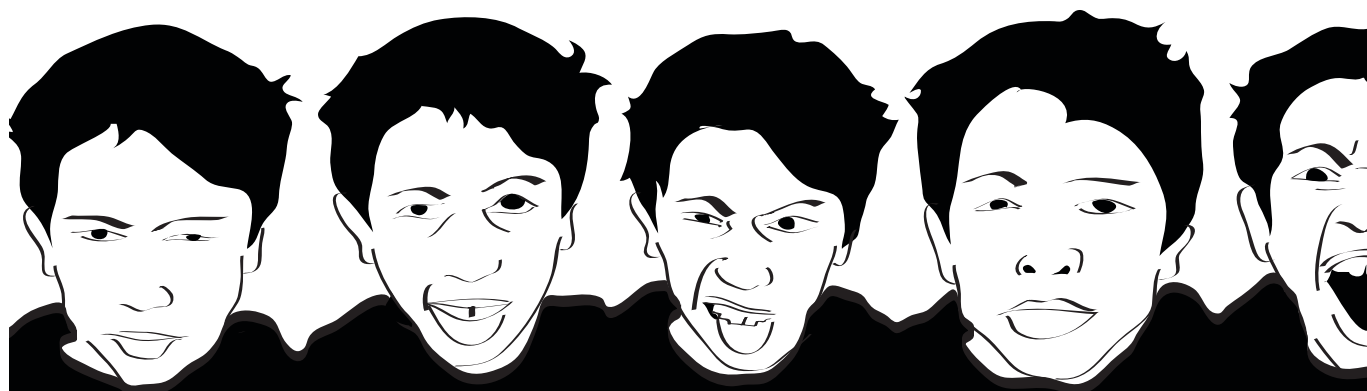
Em uma sociedade que está o todo tempo conectada na internet, discutir sobre a relação dos espaços públicos e privados fica cada vez mais difícil, porém, se torna necessário para a construção de relacionamentos e de uma vida saudável. A tecnologia e a capacidade de nos conectarmos com qualquer parte do mundo, mesmo dentro de nossa casa, fez com que a delimitação dos espaços ficasse mais diluída e misturada. Atualmente, por exemplo, é possível saber se aquele seu amigo está na mesma cidade que você ou em outro lugar do país ou do mundo, além de confirmar se ele saiu mesmo com a turma depois do trabalho. Ou seja, con-

seguimos conferir o que nos foi dito através do mundo online (mesmo que essas informações possam ser manipuladas, obviamente. Mas é interessante pensar que sendo verdadeira ou não, elas causam um impacto na nossa vida, pois constroem uma ideia de realidade). Conseguimos saber de várias informações pessoais das outras pessoas até mesmo sem falarmos com elas diretamente, sem nos comunicarmos através de mensagens.

Podemos refletir sobre como os espaços públicos e privados são tratados na nossa sociedade após o surgimento e a ampliação das tecnologias e das redes sociais, mais especificamente. Será que aquilo que elegemos como sendo de ordem íntima é realmente respeitado e preservado? Ou será que muitas pessoas confundem o público com o privado? Conseguimos construir relações, sejam elas superficiais ou sólidas, respeitando o próprio espaço e o espaço da outra pessoa? Talvez esse seja um dos grandes desafios da nossa vida atual.

E o que tudo isso tem a ver com comunicação? Qual a relação entre construir espaços e saber respeitar as esferas públicas e privadas? É simples: a forma de construção desses espaços passa sempre pela comunicação e por como a estabelecemos com as pessoas. Afinal, até para dizer que outra pessoa está invadindo seu espaço é preciso que isso seja comunicado, transmitido. Por isso, é importante termos em mente que a forma como nos comunicamos pode influenciar a vida de outras pessoas e a nossa própria vida e que podemos repensar na maneira como nos relacionamos a partir da nossa comunicação.

É fundamental destacar que para nos comunicarmos não é necessário verbalizar, isto é, falar. É possível, por exemplo, expor uma opinião sem dizer nenhuma palavra. Afinal, também nos comunicamos com o olhar, com nossas expressões faciais e corporais. Dá até para comunicar o que pensamos através de gestos com as mãos, não é mesmo? Quando temos intimidade com alguma pessoa, o próprio olhar já funciona como uma forma de nos comunicarmos e a pessoa consegue “entender o recado” que estamos tentando passar através desse outro tipo de linguagem.



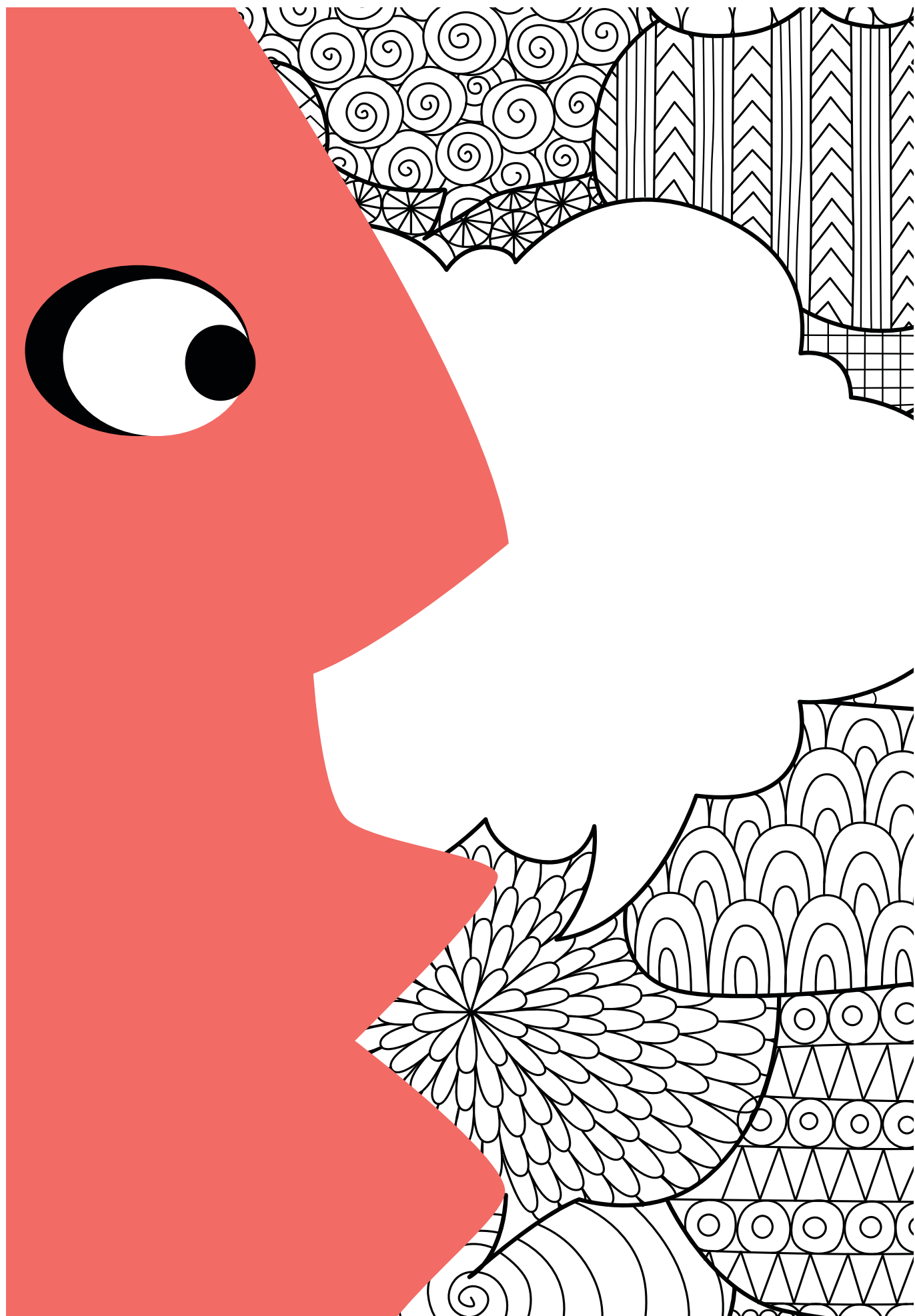
A comunicação, portanto, está presente em nosso cotidiano e é a forma como as pessoas se relacionam entre si, dividindo e compartilhando ideias, conhecimentos, emoções e experiências. Se não gostamos de uma comida, por exemplo, podemos fazer uma expressão facial que comunique o nosso desagrado. Se estamos gostando de um filme, podemos demonstrar através de um sorriso ou até mesmo nos emocionando. Muitas vezes, essas reações são até espontâneas, pois um olhar ou outra expressão facial pode sair “sem querer” e quando percebemos, foi tarde demais, já comunicamos aquilo que sentimos.

E o que isso tem a ver com o dia a dia nas instituições educacionais? Como a nossa comunicação pode afetar nosso cotidiano enquanto educadores/as? A resposta não é simples. E para essa conversa é necessário pensar em como é possível estabelecer cada vez mais uma **comunicação não-violenta**. Para isso, primeiramente, vamos especificar o que é comunicação violenta e comunicação não-violenta.

Comunicação violenta⁴: Podemos pensar que em uma comunicação violenta, muitas vezes, não conseguimos perceber o teor agressivo utilizado na linguagem. O motivo? O que pode ser algo tranquilo de ser dito e da forma como é dito para mim, para outra pessoa pode soar ofensivo e violento. Por isso, escutar e falar de forma empática, como falamos no Volume 1: “Construindo vínculos: a força dos coletivos” é de extrema importância para percebermos o que pode ofender outras pessoas, mesmo que isso não faça parte da nossa realidade, ou que não nos afete negativamente. É importante realizarmos sempre o exercício de refletirmos antes de nos comunicarmos e nos perguntarmos se o que será transmitido poderá ofender outra pessoa, mesmo que seja algo que particularmente não nos ofenderia. Existem algumas situações que tornam a comunicação explicitamente violenta, como gritar, ofender outras pessoas com xingamentos ou mesmo com nomes pejorativos. Por exemplo, ao xingar alguém de “gay” ou “bicha” você estará utilizando a identidade de um grupo específico de forma pejorativa para xingar outra pessoa, como se houvesse um real problema em ser homossexual. Há formas de comunicação violenta que são naturalizadas em nossa sociedade, porém, é

4 Para saber mais sobre formas de violência, ir para o Volume 4 – *Poder, Relacionamentos e Violência(s)*





importante falar que não é porque existe essa naturalização que elas deixaram de ser ofensivas. Outra forma violenta é a tentativa de impor a nossa própria ideia ou opinião em uma conversa, o que faz com que não escutemos o que a outra pessoa tem a dizer. Neste ato de imposição, nós tentamos convencer a/o outra/o de que estamos certos e sabemos a grande verdade universal, desmerecendo a visão de mundo da outra pessoa. No entanto, em um diálogo é necessário que ambas as partes estejam dispostas a se escutar e, mesmo não concordando com as ideias alheias, é fundamental que exista respeito quando houver discordâncias. Por isso, é necessário sempre estar atento à forma como nos comunicamos, para não violentarmos outras pessoas através de atos, palavras, gestos.

Agora que já discutimos sobre comunicação violenta, como podemos pensar em uma comunicação não-violenta? Primeiramente, é importante que tenhamos consciência que podemos ofender outra pessoa mesmo que estejamos brincando ou até mesmo com a forma com que lançamos um olhar para alguém. Quando você estava andando na rua ou entrando em uma loja, já sentiu que alguém estava te olhando de cima para baixo? Pois é, não é nada legal, não é mesmo? Você já se ofendeu com alguma brincadeira que foi destinada a um grupo que você pertence? Por exemplo, é comum que as pessoas falem que uma mulher irritada está assim porque o marido/namorado não fez sexo com ela na noite anterior. Isso é uma forma de ofender as mulheres, insinuando que mulheres só estão felizes quando um homem faz sexo com elas, assim elas ficariam calmas. Isso é machismo, afinal, são muitos os motivos que podem deixar uma mulher irritada.

Vamos pensar, então, em uma comunicação não-violenta? A ideia é muito menos criar um “manual” de como não ter uma comunicação violenta, mas sim de pensarmos juntos e juntas como podemos evitar que certas situações aconteçam. Antes de tomar algumas atitudes, que tal refletir?

- Será que essa piada sobre o grupo que uma pessoa pertence pode ser ofensiva? Exemplo, fazer piadas com pessoas negras. (É importante pontuar que racismo é crime e não uma “piada”).
- Se eu for irônico/a e/ou sarcástico/a alguém pode se ofender?

- Estou muito nervoso/a, se eu falar isso agora vou me exaltar e posso acabar ofendendo alguém. E se eu me acalmar e falar depois?
- Se começar a rir de uma situação ou da pessoa que está passando por algo difícil, pode ser ofensivo?
- Eu tenho intimidade o suficiente com essa pessoa para rir/fazer um comentário jocoso sobre isso que ela está falando ou sobre o que ela está fazendo?
- Essa pessoa me deu abertura para fazer este tipo de comentário? Ela pediu a minha opinião? Qual a minha intenção? É realmente ajudar ou “alfinetar” essa pessoa?

A lista de situações é grande, não é mesmo? E se mesmo assim algo escapar, você pode sempre pedir desculpas. Afinal, nós somos humanos e erramos. Caso tenhamos feito algo que não foi muito legal, podemos reparar e aprender com essas situações para não repetirmos. O importante é observarmos o motivo pelo qual a pessoa se ofendeu para que situações como essa não se repitam.

Inserindo a comunicação não-violenta dentro dos processos educativos é importante destacar que a figura do/a educador/a é muito importante para as/os jovens. Em alguns casos, talvez o/a educador/a seja uma figura central ou até mesmo alguém para se espelhar. É possível também que os/as jovens queiram se comunicar de forma violenta com as/os educadoras/es e a primeira reação seja fazer o mesmo, agir da mesma forma. Contudo, é importante refletirmos sobre a forma de agir e de se comunicar que as/os jovens podem utilizar.

A comunicação violenta pode acontecer por conta da própria vivência da pessoa, ou seja, se ela vive em um ambiente violento, sendo tratada de forma violenta, é possível que ela também reproduza esse tipo de postura. Por isso, é importante também entender qual o papel que exercemos para algumas pessoas e, neste caso, podemos pensar nas/os alunas/os e sobre os contextos em que vivem, até mesmos para tentarmos mostrar para estas/es jovens que existem outras formas de ser, de agir, de se comunicar. Muitas vezes, uma pessoa que funciona de forma diferente, que tem paciência, calma e que consegue compreender, não reagindo de maneira violenta, pode transformar o modo com que um/a jovem enxerga o mundo, já que acaba dando um tipo de resposta ao qual ela/e não está acostumada/o.

Ao responder de forma não-violenta algo que é extremamente violento, pode-se abrir um espaço de reflexão para a pessoa que se comunicou de forma mais agressiva, fazendo com que ela repense sobre suas próprias atitudes e se abra para outras experiências de comunicação mais saudáveis. Isso é uma prática que exige muita paciência e dedicação, pois nem sempre as pessoas podem aprender a se comunicar de um jeito não-violento de forma rápida, nas primeiras vezes.

Inserindo a comunicação não-violenta dentro dos processos educativos é importante destacar que a figura do/a educador/a é muito importante para as/os jovens.

Em alguns casos, talvez o/a educador/a seja uma figura importante ou até mesmo alguém para se espelhar. É possível também que os/as jovens queiram se comunicar de forma violenta com as/os educadoras/es e a primeira reação seria fazer o mesmo. Contudo, é importante refletirmos sobre esta forma de agir e se comunicar que as/os jovens podem utilizar.

A comunicação violenta pode acontecer por conta da própria vivência da pessoa, ou seja, se ela vive em um ambiente violento, sendo tratada de forma violenta, é possível que ela também reproduza esse tipo de postura. Por isso, é importante também entender qual o papel que exercemos para algumas pessoas, e neste caso podemos pensar nas/os alunas/os e sobre os contextos em que vivem, até mesmos para tentarmos mostrar para estas/es jovens que existem outras formas de ser, de agir, de se comunicar. Muitas vezes, uma pessoa que funciona de forma diferente, tem paciência, calma e consegue compreender e não reagir de maneira violenta, pode transformar o modo com que um/a jovem enxerga o mundo, já que acaba lhe dando um tipo de resposta ao qual ela/e não está acostumada/o.

Ao responder de forma não-violenta algo que é muito violento é possível que a pessoa que se comunicou de forma mais agressiva tenha a possibilidade de refletir sobre suas próprias atitudes e se abrir para outras experiências de comunicação mais saudáveis. Isso é uma prática que exige muita paciência e dedicação, pois nem sempre as pessoas podem aprender a se comunicar de um jeito não-violento de forma rápida.



MITOS E VERDADES

Nossa, essa pessoa fala tudo errado. Ela troca as palavras. Que burra! - Nenhuma pessoa pode ser considerada burra. Muitas vezes algumas pessoas não seguem à risca o padrão de linguagem formal porque não tiveram acesso à educação institucionalizada, o que não quer dizer que o seu saber e conhecimento sobre o mundo seja inferior. Saber ou não saber sobre determinadas regras linguísticas não faz de ninguém um ser humano que mereça ser desvalorizado. Até mesmo porque as próprias regras mudam de acordo com o tempo histórico, isto é, um padrão de linguagem que é visto como correto hoje em dia, pode não ser daqui uns anos.

Quem fala gíria é marginal! - As gírias são expressões metafóricas que fazem parte da linguagem informal. Se pensarmos que metáforas são figuras de linguagem que requerem um nível de pensamento complexo e inteligente, veremos que não existem motivos para termos preconceito com a sua utilização. Também é importante lembrar que toda gíria advém de um contexto social e que faz parte da cultura de um local.

Hum, aquela mulher está olhando muito para mim. Ela está me querendo! Vou lá "cantar" ela - Não é porque uma pessoa está olhando constantemente para você que ela necessariamente está querendo ter algum tipo de relação afetiva/sexual. Ela pode estar reparando em algum acessório que você está usando, ela pode te conhecer de algum lugar, você pode estar fazendo com que ela se lembre de alguma pessoa e ela pode até mesmo estar te confundindo com alguém. Muitas vezes um olhar é só um olhar e nada mais.

Que isso, hein, gostosa!!! Que linda! - Cantada não é elogio. Cantada é assédio e é um tipo de agressão verbal. Se a pessoa não pediu sua opinião sobre como ela estava se vestindo ou sobre como você achava que ela está, então não dê. Elogio é feito de forma respeitosa e exaltando as características positivas daquela pessoa, como, por exemplo: "O seu cabelo é muito bonito" ou "A cor dos seus olhos é encantadora". Mexer com mulheres na rua não tem nada a ver com elogio.



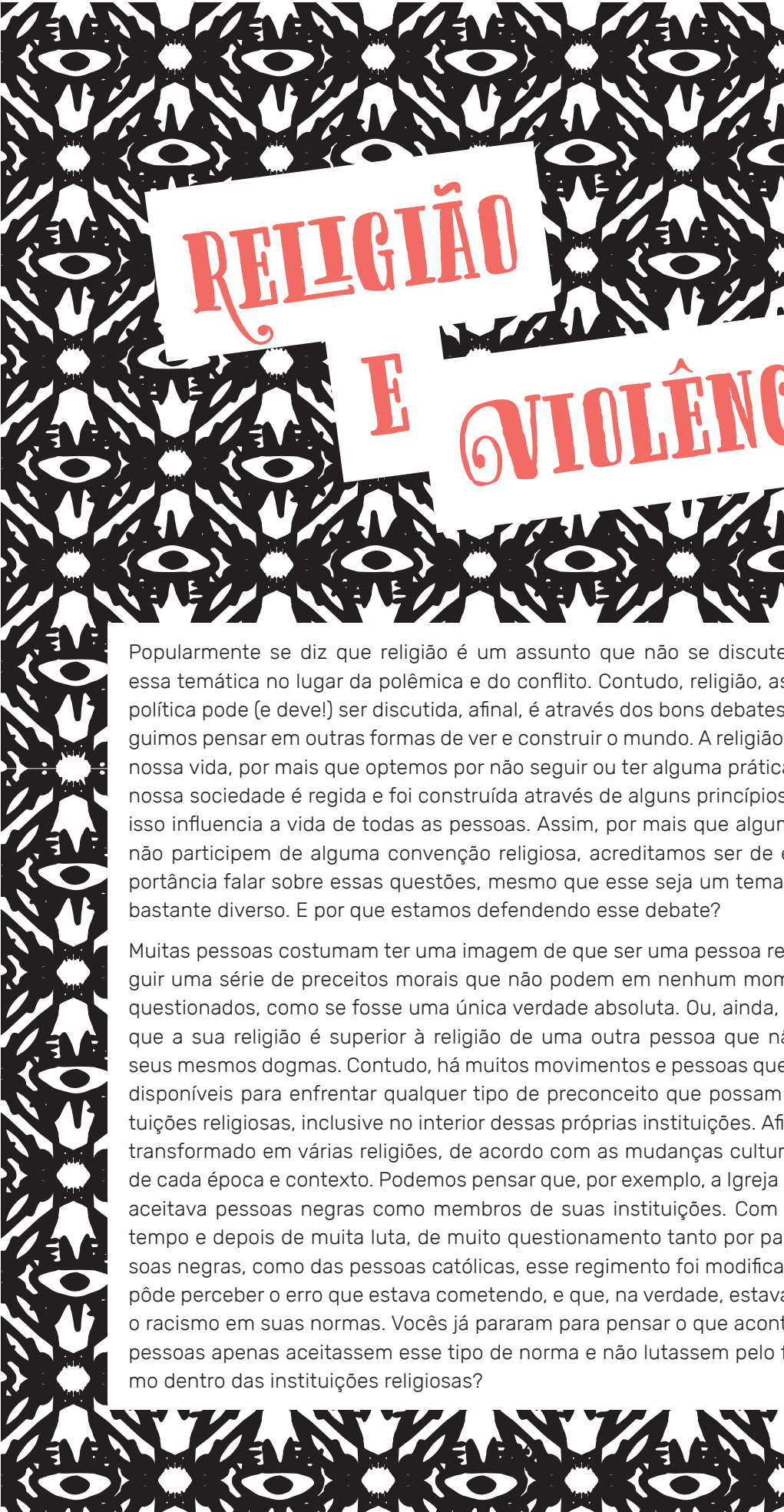
ANTES DAS ATIVIDADES

Cada vez mais as pessoas têm acesso a discussões de forma rápida e possuem a oportunidade de construir um conhecimento sobre diversos assuntos. As redes sociais e sites de pesquisa podem ter um papel informativo e pedagógico para que as pessoas que tenham interesse em assuntos em comum possam trocar ideias e reflexões. Isso faz com que muitas vezes alunas/os cheguem à sala de aula ou em espaços educativos com uma boa discussão sobre alguns temas, pois já pesquisaram por assuntos específicos e talvez até já tenham realizado ou participado de debates em seus espaços sociais, com amigas/os e/ou família.

Por isso, antes de iniciar as atividades, pode ser interessante se perguntar: como está a discussão na sala de aula? As pessoas já tiveram contato com os debates sobre os temas a serem abordados? Qual é o nível de entendimento que a turma possui sobre determinado assunto? É importante observar em qual momento a turma está na discussão, pois, a partir disso é possível escolher quais atividades trabalhar e pensar em uma abordagem que seja mais produtiva para aquele grupo específico. Uma das coisas que pode ser utilizada para saber como está a discussão é iniciar o debate perguntando ao grupo sobre *o que já ouviram falar sobre aquele assunto ou o que pensam em relação a ele*. Com essa pergunta, pode ser possível construir um caminho melhor e de acordo com a turma para trabalhar os temas em grupo.

Sobre o tema da violência é importante perceber se as pessoas conseguem observar quais são as várias formas de violências e se conseguem identificar de onde vêm, isto é, como elas são construídas socialmente e não como sendo parte do ser humano. Quando se fala em violência é comum pensar que ela se manifesta apenas em forma de agressão física e as outras formas são mais esquecidas ou secundarizadas. Uma dica para trabalhar estes temas que abordam o tema da(s) Violência(s) com um grupo que já esteja mais avançado na discussão é partir para o questionamento e a problematização sobre o gênero, a raça/etnia, a orientação sexual, a localização geográfica de uma pessoa que é vítima de violência, ou seja, começar a explorar quais são os corpos mais sujeitos a sofrerem preconceito, discriminação e violência(s).

É comum chegarmos ao final de um trabalho e pensarmos: será que fez diferença? Uma das coisas que pode ser utilizada para saber como está a discussão são os roteiros de perguntas a serem feitas individualmente por cada participante antes do início da conversa. Para isso, ao fim desse volume, você poderá acessar uma sugestão de questionário que pode ser aplicado junto aos estudantes. É importante lembrar que a sugestão do roteiro de perguntas não é uma avaliação de conhecimento do/a estudante sobre o tema, mas uma forma de você, educador/a, perceber quais são as opiniões das pessoas participantes acerca do tema proposto. Vale ressaltar, que para garantir respostas mais fidedignas, é importante não nomear ou identificar os questionários. Essa informação pode ser passada para o grupo logo no início do encontro, com a finalidade de tranquilizá-los no que diz respeito a confidencialidade e privacidade de suas respostas.



RELIGIÃO E VIOLÊNCIA

Popularmente se diz que religião é um assunto que não se discute, colocando essa temática no lugar da polêmica e do conflito. Contudo, religião, assim como a política pode (e deve!) ser discutida, afinal, é através dos bons debates que conseguimos pensar em outras formas de ver e construir o mundo. A religião faz parte da nossa vida, por mais que optemos por não seguir ou ter alguma prática religiosa. A nossa sociedade é regida e foi construída através de alguns princípios religiosos e isso influencia a vida de todas as pessoas. Assim, por mais que algumas pessoas não participem de alguma convenção religiosa, acreditamos ser de extrema importância falar sobre essas questões, mesmo que esse seja um tema complexo e bastante diverso. E por que estamos defendendo esse debate?

Muitas pessoas costumam ter uma imagem de que ser uma pessoa religiosa é seguir uma série de preceitos morais que não podem em nenhum momento serem questionados, como se fosse uma única verdade absoluta. Ou, ainda, entendendo que a sua religião é superior à religião de uma outra pessoa que não segue os seus mesmos dogmas. Contudo, há muitos movimentos e pessoas que se colocam disponíveis para enfrentar qualquer tipo de preconceito que possam vir de instituições religiosas, inclusive no interior dessas próprias instituições. Afinal, muito já transformado em várias religiões, de acordo com as mudanças culturais e sociais de cada época e contexto. Podemos pensar que, por exemplo, a Igreja Católica não aceitava pessoas negras como membros de suas instituições. Com o passar do tempo e depois de muita luta, de muito questionamento tanto por parte das pessoas negras, como das pessoas católicas, esse regimento foi modificado e a Igreja pôde perceber o erro que estava cometendo, e que, na verdade, estava reforçando o racismo em suas normas. Vocês já pararam para pensar o que aconteceria se as pessoas apenas aceitassem esse tipo de norma e não lutassem pelo fim do racismo dentro das instituições religiosas?

Nessa mesma perspectiva, existem movimentos feministas e LGBTI dentro de várias instituições religiosas. Esses movimentos lutam pelo direito das mulheres e das pessoas LGBTI e debatem a importância de falar sobre a vivência dessas pessoas numa perspectiva que não seja machista, homofóbica, lesbofóbica, bifóbica e transfóbica. Ou seja, debate-se a importância de construir uma religião que tenha seus rituais espirituais e suas crenças filosóficas, mas que isso não interfira de forma violenta a vida e os corpos das pessoas. Esse tipo de crítica vinda de pessoas que exercem os preceitos religiosos em suas vidas é muito interessante, uma vez que permite a construção de uma religião mais comprometida com a ética e com o respeito, uma religião comprometida com o fim dos preconceitos e da violência.

Na religião católica, temos o exemplo das Católicas Pelo Direito de Decidir, um movimento que se “propõem articular as ideias do feminismo com o cristianismo, buscando argumentação teológica consistente e oferecendo a possibilidade de encarar a sexualidade como algo positivo, que pode nos fazer felizes, sem nos sentirmos culpadas”⁵. Outro grupo que se mobiliza através das redes sociais e busca questionar condutas religiosas observando as questões e as transformações sociais é a Frente Evangélica Pela Legalização do Aborto⁶. Com isso, pode-se observar grupos no interior de instituições religiosas que fazem o esforço de questionar as normas sociais que produzem violências, a fim de construir uma sociedade e uma religião mais justas e igualitárias.

Outro ponto que devemos discutir em relação às religiões é a questão da intolerância religiosa. Faz-se necessário entender o motivo pelo qual algumas religiões são mais aceitas do que as outras, como algumas religiões são entendidas como oficiais e superiores à outras. Afinal, por que algumas religiões são motivos de “piadas” entre alguns grupos e os membros dessas religiões passam por uma série de violências? Por exemplo, você já ouviu a expressão “chuta que é macumba” ou “isso é coisa de macumbeiro”? Utilizamos esse tipo de frase para nos referirmos às religiões de matriz africana, dando a entender que pessoas dessa religião não merecem respeito, que essa religião é menos legítima que outras, além de desqualificar suas práticas religiosas, suas lutas diárias e conquistas em sua vida, alegando que as pessoas se utilizaram de “magias ocultas” para conseguirem tudo aquilo que desejaram.

É importante destacar o quanto o preconceito contra as religiões de matriz africana está ligado a uma estrutura social racista, uma vez que essas religiões foram trazidas para o Brasil por pessoas negras. Podemos ver exemplos de intolerância religiosa com práticas racistas quando vemos a destruição de terreiros com o intuito de impedir que as pessoas pratiquem suas crenças, a violência estrutural quando nem passa pela nossa cabeça que determinada pessoa pode proferir a fé de religiões de matriz africana, o preconceito que as crianças e adolescentes

5 Disponível em: <http://catolicas.org.br/institucional-2/historico/>

6 Disponível em: https://www.facebook.com/frenteevangelicapelalegalizacaodoaborto/?ref=br_rs

candomblecistas e umbandistas sofrem nas escolas quando precisam realizar algum preceito religioso e frequentar as aulas com as vestes específicas da sua religião. Afinal, podemos nos questionar: qual o problema de pessoas acreditarem e viverem algo diferente das religiões que são vistas como oficiais, são entendidas como hegemônicas? O que afeta na nossa vida se alguma pessoa profere uma fé diferente da nossa ou até mesmo não profere fé alguma?

A maioria das religiões prega o respeito e o amor pelo próximo/a, sendo assim, é importante também respeitarmos as pessoas e as crenças diferentes daquelas que seguimos!

Segue abaixo links com temáticas sobre religião e a crítica aos preconceitos:

15 coisas que pessoas de religiões de matriz afro gostariam de te dizer

https://www.buzzfeed.com/ramosaline/coisas-que-pessoas-de-religoes-de-matriz-afro-gostariam?utm_term=.pryaV-0G5xj#.mtepj2Wk0z

Os argumentos das católicas brasileiras que há 25 anos defendem o aborto

<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-42372359>



FRENTE
Evangélica pela
LEGALIZAÇÃO DO ABORTO

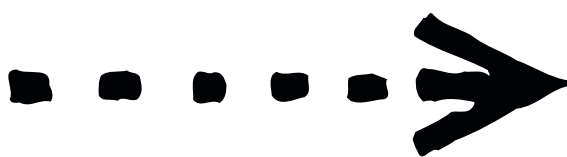


Quem precisa de perdão
são aqueles que não
enxergam a morte das
mulheres que abortam

#PelaVidaDasMulheres #AbortoLegal



ATIVIDADES



ATIVIDADE 1

TIPOS DE COMUNICAÇÃO

Objetivo: Reconhecer as diferentes formas de comunicação e desenvolver mecanismos para uma comunicação assertiva. Analisar e refletir sobre a importância de aprender a realizar uma comunicação de maneira afetiva e nítida, sem ser violenta.

Materiais necessários: Folhas, lápis, canetas pilot, *flip chart* ou qualquer material que você possa escrever, como quadro branco ou lousa.

Duração: 1h - 2 h

Dicas para planejamento: É fundamental ensinar com o exemplo. De pouco serve ter um discurso muito bem construído, se nossa prática e nossas atitudes dizem o contrário daquilo que propomos.

Passo a passo:

1ª Parte

1. A partir de uma chuva de ideias, pergunte ao grupo o que vem na cabeça quando se fala a palavra **COMUNICAÇÃO**. Conforme os/as participantes forem falando, anote as palavras ditas no *flip chart*.
2. Peça que escolham um/a parceiro/a e que pensem em dupla algumas situações onde sentiram que a comunicação tenha sido adequada.
3. Peça para que analisem as coincidências que apareceram nos dois relatos e discutam sobre as similaridades dos relatos. Lembre-os/as que é importante refletir sobre a comunicação verbal e a não verbal.
4. Quando eles acabarem, peça para que apresentem a discussão para o grupo.

2ª Parte

Explique os diferentes tipos de comunicação:

- **Agressiva:** É aquela que é violenta e que pode agredir os outros.
- **Passiva:** Refere-se à comunicação que não nos responsabiliza, evitando a verdade e deixando que as outras pessoas decidam por nós.
- **Assertiva:** É aquela em que levamos em conta nossas necessidades e desejos e respondemos nitidamente o que achamos ou sentimos, mas sem deixar de respeitar as outras pessoas.

3ª Parte

1. Peça que formem equipes e que dramatizem três situações fictícias onde devem responder de forma agressiva, passiva e assertiva.
2. São elas:
 - “Você é convidado a ir a uma festa esta noite, mas você não quer ir”
 - “Alguém pede para ter relações sexuais sem proteção com você”
 - “Querem pressionar você a tomar bebida alcoólica”
3. Informe que cada grupo deverá trabalhar uma dessas situações ou inventar outra mais adequada à suas circunstâncias. O importante é que desenvolvam, por escrito, exemplos dos três tipos de comunicação.
3. Ao final, abra a discussão pedindo que uma pessoa de cada dupla apresente suas sugestões.
4. Reflita com eles/as sobre como se sentiram fazendo a atividade e a importância de estabelecer relações utilizando-se de uma comunicação assertiva.

Fechamento:

- A comunicação explícita e direta se caracteriza por expressões e palavras simples, nítidas e concretas, se manifesta com honestidade, de forma positiva, construtiva e responsável.
- É muito importante não manipular os afetos, para isso se necessita ter decidido o que queremos comunicar de fato. É preciso conhecer e identificar os próprios recursos pessoais, escutar nossa mente e nosso coração, ou seja, aplicar nossa inteligência emocional.
- Deve-se valorizar o respeito à diversidade.
- Na comunicação é muito importante não estabelecer relações de poder abusivas, pois não se trata de derrotar ninguém.
- Quando falamos de aprender a expressar e a comunicar assertivamente, nos referimos a saber expressar de forma direta e explícita o que sentimos e pensamos. Significa dizer as coisas sem causar algum tipo de dano a nós mesmos/as ou a terceiras pessoas. Significa habilidade para expressar e defender nossa verdade, respeitando a verdade alheia.

ATIVIDADE 2

AS 4 FRASES

Objetivo: Propor um modelo para a resolução criativa de conflitos.

Materiais necessários: *Flip chart* ou qualquer material que você possa escrever, como quadro branco ou lousa, caneta pilot ou giz.

Tempo recomendado: 30 min - 1h.

Passo a passo:

1. Mediante uma chuva de ideias, pergunte ao grupo: "O que é um conflito?".
2. Anote as ideias em um flip chart à vista, pois elas serão retomadas na discussão em grupo.
3. Peça que formem pares e que pensem uma situação de conflito - que possam comentar - e que a relatem à sua/aoseu companheira/o.
4. Depois que as/os duas/dois comentarem o conflito, diga para a dupla que: "Sua/seu companheira/o tomará o papel dessa pessoa com quem tem o conflito. Como você enfrentaria essa situação?". Espere um tempo para que cada um/a desenvolva o seu conflito com a/o companheira/o e quando terminarem, apresente o modelo para resolução de conflitos, baseado em 4 frases:
 - *EU VEJO...* Trata-se de expressar aquela conduta que vemos em outra pessoa. Por exemplo, "eu vejo que você não me cumprimenta quando chega".
 - *EU IMAGINO...* Mediante esta frase se diz àquilo que nós imaginamos ao observar sua conduta. Por exemplo, "eu imagino que está chateada/o". É importante notar que, quando imaginamos, existe a possibilidade de estarmos equivocados na nossa ideiação e, se expressamos o que pensamos, damos a oportunidade de ter um contato maior com a realidade.
 - *EU SINTO...* Aqui dizemos o que sentimos para aquela/e que vemos e imaginamos. Por exemplo, "eu sinto tristeza e isso que aconteceu me chateou porque para mim é importante ter sua amizade".
 - *EU QUERO...* Fazemos uma proposta para melhorar as coisas. Por exemplo, "eu quero que me diga se tem algo que te incomodou".
5. Solicite que voltem a trabalhar com os mesmos pares procurando, agora, resolver o conflito a partir deste quadro e discutindo como se sentiram fazendo este exercício.
6. Finalize, voltando ao flip chart e analisando os valores negativos que foram dados ao conflito na "chuva de ideias". Lembre-as/os que o conflito sempre existe e pode ser uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento pessoal. Explique que este exercício nos permite expressar sentimentos e necessidades que frequentemente não se expressam em uma situação de conflito e que se existem vários conflitos é muito importante priorizá-los e abordá-los um de cada vez.

Perguntas para discussão:

- Como se sentiram nesse exercício?
- Notaram alguma diferença seguindo o modelo?
- O que descobriram sobre si mesmas/os?
- Será que a forma como vemos o conflito (como algo negativo ou positivo) tem a ver com a maneira com que os enfrentamos?

Fechamento:

- Quando lidamos com conflitos, a confrontação positiva é fundamental.
- Estimule a confiança e respeito em grupo e que cada um/a assuma sua própria responsabilidade. Isto significa falar em primeira pessoa, se colocando como uma pessoa ativa naquela relação e não falar pelas/os demais.
- Enfatize a importância de implementar a retroalimentação desde a crítica positiva, sem emitir julgamentos e/ou colocar rótulos que desvalorizem e afetem a integridade de alguém.
- Lembre-as/os que os sentimentos não se questionam e que é muito importante respeitar o que outra pessoa sente. Já com as ideias é diferente porque todas as ideias não têm que, necessariamente, coincidir e, então, fica mais fácil concordar, discordar ou mesmo perguntar sobre o que a outra pessoa está dizendo.

O que é resolução criativa de conflitos?

A resolução criativa de conflitos está relacionada com novas aprendizagens para enfrentar as diferenças, os desacordos e os conflitos. É parte da construção de um processo, para adquirir habilidades onde não há ganhadoras/es nem perdedoras/es, ou seja, o bem-estar de uma pessoa não se consegue por meio da humilhação ao outro e, sim, implica na busca de acordos que favoreçam a todas as partes.

ATIVIDADE 3

QUERO... NÃO QUERO... QUERO... NÃO QUERO...

Objetivo: Recriar as situações que se dão na negociação do sexo protegido, incorporando argumentos a favor e contra o uso do preservativo.

Tempo necessário: 1h - 2h

Materiais necessários: Ficha de apoio A, uma folha de papel e um lápis para cada grupo.

Passo a passo:

1. Divida o grupo em quatro equipes e explique que cada uma delas irá receber uma tira de papel especificando o gênero de uma pessoa (se é homem ou mulher) e se essa pessoa quer ou não quer ter uma relação sexual.
2. Explique que cada uma dessas situações exigirá do grupo um levantamento de argumentos favoráveis à ideia que recebeu. Ou seja, cada grupo deverá fazer uma lista com os motivos para se ter ou não ter uma relação sexual.

3. Distribua as tiras e peça que 'incorporem' a situação pensando como um homem ou uma mulher defenderia sua posição, de acordo com as normas sociais de gênero.
4. Quando todos os grupos tiverem sua lista com as argumentações, peça que formem dois grupos (consultar a ficha de apoio):
 HOMENS - 1 + MULHERES - 2
 HOMENS - 2 + MULHERES - 1.
5. Quando as/os participantes estiverem organizadas/os em dois grupos, explique que elas ou eles deverão negociar se querem ou não ter uma relação sexual com base nos argumentos levantados. Esta negociação pode ser feita em formato de apresentação ou discussão, para que todas as pessoas presentes nas atividades possam ver as negociações.
6. Dê 10 minutos para esta negociação entre os dois grupos (H1 + M2 e H2 + M1) e, em seguida, peça que cada grupo conte como foi a conversa com o outro grupo. Pergunte também, como se sentiram participando dessa atividade. Abra para o debate.

Perguntas para discussão:

- As representações que vocês fizeram têm a ver com a realidade? Por quê?
- De que maneira essa negociação aparece na vida real?
- Adolescentes e jovens costumam conversar sobre o uso do preservativo antes da relação sexual acontecer?
- Como se comunicar de forma não-violenta pode ajudar a resolver essa situação?

Fechamento: Em uma conversa sobre se ter ou não relações sexuais, estão presentes uma série de fatores: a autoestima, a comunicação, as relações de poder desiguais, a pressão das/os amigas/os, as expectativas que se tem. Atividades educativas que possam aprimorar a argumentação e a negociação são importantes para o aprendizado das chamadas competências sociais. É uma forma de se mostrar ser possível se chegar a um acordo em que as duas partes encontrem um caminho que seja adequado para ambos.

Folha de Apoio A

Grupo HOMEM 1

Os motivos alegados pelos meninos para convencer uma menina a ter relações sexuais com ele.

Grupo HOMEM 2

Os motivos alegados pelos meninos quando não querem ter relações sexuais com uma menina.

Grupo MULHER 1

Os motivos alegados pelas meninas para convencer um menino a ter relações sexuais com ela.

Grupo MULHER 2

Os motivos alegados pelas meninas quando não querem ter relações sexuais com um menino.

ATIVIDADE 4

CENAS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Objetivos: Vivenciar uma situação de violência contra a mulher, buscando por mudanças.

Materiais necessários: 5 cópias da Ficha de apoio – Cenas de violência contra a mulher

Tempo recomendado: 1h – 2h.

Passo a passo:

1. Pergunte às/aos participantes, quem gostaria de participar de uma leitura de uma cena de teatro.
2. Quando as/os voluntários se apresentarem, informe que a proposta é que essas pessoas leiam o roteiro de uma cena de mais ou menos 10 minutos, chamada A história de Carlos. As demais deverão prestar muita atenção ao enredo.
3. Quando terminarem a leitura, explique que, agora, as/os voluntários lerão novamente o roteiro, mas, dessa vez, de uma forma mais teatral, ou seja, se movimentando e se colocando no lugar da/do personagem que interpretam.
4. Depois de apresentada a cena, explique que essa será apresentada repetidamente até que o grupo, como um todo, encontre um final satisfatório. Informe que, para chegar neste final, será preciso mexer nas falas de alguns personagens. Assim, em alguns momentos a/o facilitador/a irá perguntar se alguém do grupo acha que deve entrar no lugar do personagem para mudar o enredo. Por exemplo: se alguém achar que o policial está mal informado, deve entrar no lugar dele para dar a informação correta. A cena será repetida até que o grupo se dê por satisfeito.
5. Terminada a apresentação definitiva, aprofunde a discussão a partir das perguntas abaixo.

Perguntas para discussão:

- O que vocês sentiram quando a cena foi apresentada pela primeira vez?
- Situações como essa acontecem em sua comunidade? Por que razão?
- O que acharam das modificações que foram feitas?
- O que as/os jovens podem fazer para evitar situações como essa?
- O que aprendemos durante esta atividade?
- Existe algo que poderia ser aplicado em nossas próprias vidas e relacionamentos?

Fechamento: O silêncio dos homens sobre a violência de outros homens contribui para a violência contra as mulheres. Por esta razão, criou-se a Campanha do Laço Branco – Homens pelo fim da Violência contra Mulheres, reforçando que o silêncio é cúmplice da violência. Sabemos que a maioria dos homens – jovens e adultos – não são violentos. No entanto, muitas vezes, eles não se posicionam. Acima de tudo, é importante ter em mente que não se resolve a violência com mais violência. Em uma situação de tensão e conflito, a violência é certamente a pior forma de resolvê-la. Nada, mas nada mesmo, justifica a violência!

A história de Carlos:

Curinga – Carlos é um jovem de 18 anos. Acabou de servir o exército e joga futebol desde os 12 anos no time da comunidade. Por várias vezes, foi chamado para ser o capitão do time. Mesmo quando está jogando, Carlos fica sempre atento às meninas que assistem ao jogo na arquibancada já com a intenção de ficar com uma delas. Hoje, ele está de olho na Márcia Maria, uma garota de 13 anos e meio que tem um corpão. Quando terminou o jogo, Carlos se aproximou de Márcia e ...

Carlos – Quer sair para tomar uma cerveja comigo, gata?

Márcia – Não posso. Vou me encontrar com minhas amigas e tenho que chegar em casa até as 9 da noite.

Carlos – Convide suas amigas para ir também.

Márcia – Verei com elas, mas acho que não vai dar ...

Carlos – Tenho uma outra proposta: o que vocês acham de irmos até a lanchonete do Walter comer um lanche e tomar um refrigerante? Daí você poderá chegar na sua casa na hora combinada.

Curinga – Márcia fica dividida e acaba por não aceitar o convite. No entanto, olha várias vezes para trás sorrindo para Carlos.

Amigo 1 – Levou o maior fora, cara! Kkkkkk. Esqueça a garota e vamos beber.

Carlos – O que faço? Sigo a Márcia ou vou ao bar beber com os amigos? Que dúvida! Quer saber? Vou atrás dela. Essa história não vai ficar assim. Márcia espera! Vou te levar até a sua casa. Márcia sorri e aceita.

Curinga – No trajeto até a casa da menina, Carlos tenta beijá-la e tocá-la. Nervosa, Márcia pede para ele parar.

Carlos – Todas as meninas do colégio são doidas por mim. Por que você está se fazendo de difícil?

Márcia – Não estou me fazendo de difícil. É que eu nunca fiquei nem namorei ninguém e não sei se estou preparada.

Carlos – Para com isso, Márcia. Eu sei que você quer ficar comigo. Você fala que não, mas os seus olhos dizem que sim!

Márcia – Me deixa, eu não quero ficar com você. Você está me machucando.

Curinga – Carlos fica com muita raiva e arrasta Márcia para um canto, segurando-a com força. Rasga a roupa da menina e faz sexo com ela, mesmo ela dizendo que não quer. Quando termina, Carlos se levanta, se arruma e vai embora.

Amigo 1 – Que cara de alegre é essa? Já sei, pegou a Márcia!

Amigo 2 – Como é que foi? Aquela menina é uma delícia. O que rolou?

Carlos – Rolou de tudo.

Amigo 3 – Verdade? Assim de primeira? Achei que a Márcia era mais séria.

Carlos – Ela não resistiu ao bonitão aqui. É, no começo ela se fez de difícil, mas eu vi pela cara dela que estava a fim de transar.

Amigo 2 – Que idade ela tem? Isso pode dar rolo.

Carlos – Que nada! Ela é novinha, mas já tem corpo de mulher.

Curinga – Carlos dá uma risada e pede uma cerveja. A noite, já em sua casa, recebe a visita de um policial.

Policial – Estou procurando por Carlos Fernando da Conceição.

Carlos – Sou eu.

Policial – Uma garota foi na delegacia com seus pais prestar uma queixa contra você. Ela alega que foi estuprada. A mãe e o pai dela estão na Delegacia te acusando de um crime porque a filha tem menos de 14 anos.

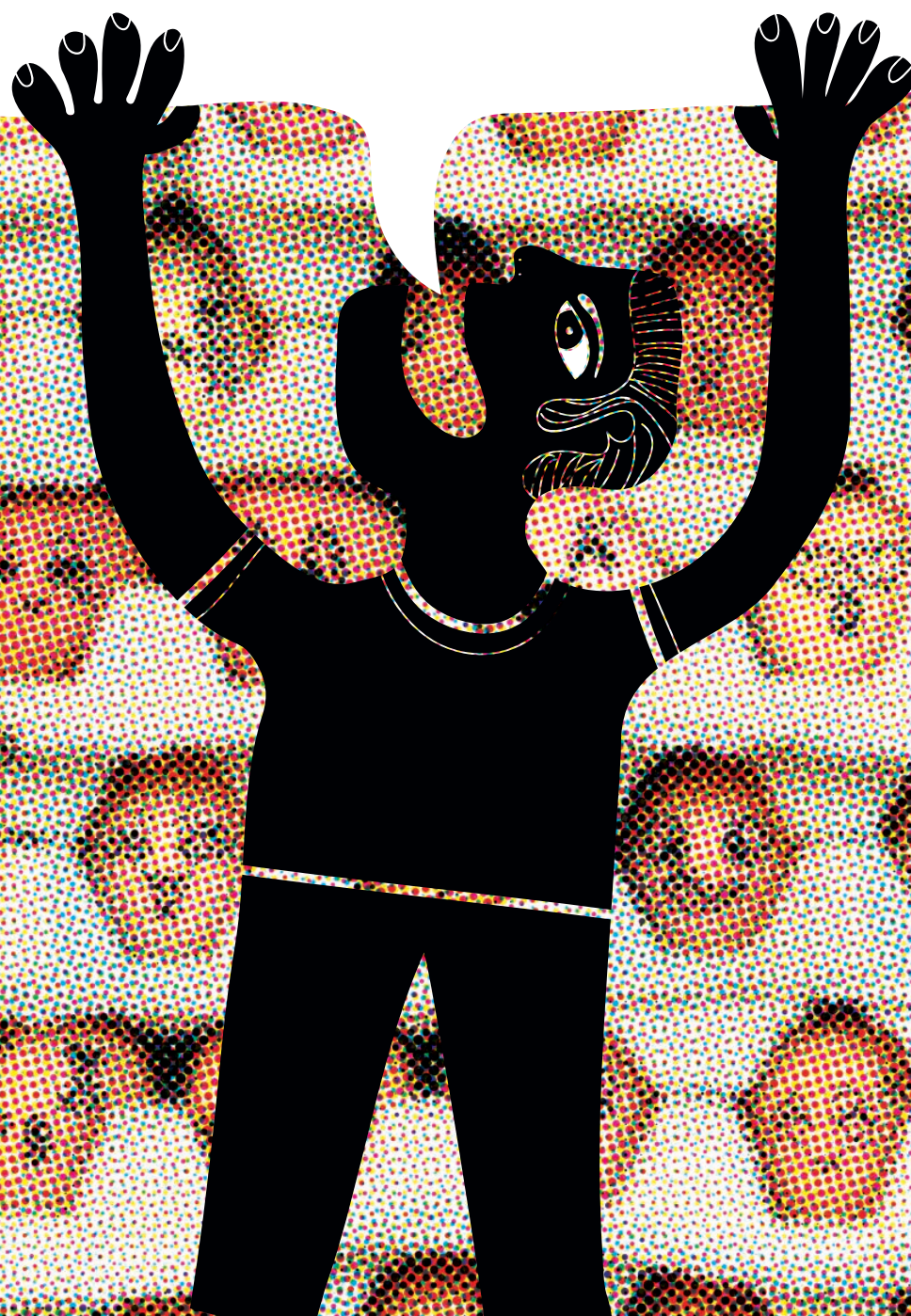
Carlos – Eu lá preciso de alguém? Todas as meninas do colégio querem dar para o capitão do time aqui.

Policial – Sei disso. Mas eu tenho que fazer o meu trabalho.

Carlos – Deixa para lá. Diga que você não me encontrou e pronto.



COMO INSERIR ESTA
DISCUSSÃO EM SUA AULA:



Neste volume nós apresentaremos alguns exemplos de como trabalhar o tema de Comunicação e Relacionamentos, sem precisar parar suas atividades e realizar uma oficina. Nos demais volumes você encontrará mais exemplos de como trabalhar outros temas, lembrando que são apenas propostas e você pode pensar e propor outras formas de promover essas discussões em sala de aula.

Em todas as disciplinas, em algum momento da aula, você pode pedir para a turma não se comunicar verbalmente, mas exercitar formas passar uma mensagem/informação apenas através de mímicas, como em um jogo “Imagem e Ação”. A ideia é fazer com que os/as alunos/as percebam como está a sua própria comunicação e como podem fazer para melhorá-la, além de desenvolver outras habilidades de comunicação.

Na disciplina de Geografia, é possível discutir o tema da Comunicação quando você for abordar as diferenças de cada região, ou seja, quando for trabalhar as particularidades de cada região, você pode, por exemplo, pontuar que a Região Sudeste e a Nordeste possuem diferentes maneiras de se comunicar. E que a comunicação de cada contexto regional está ligada à cultura daquele local. Um ponto importante a ser abordado é como algumas formas de se comunicar que fazem referência à uma região específica são tidas como inferiores e, muitas das vezes, viram justificativa para reações preconceituosas. Explicar que não existe uma maneira correta e melhor é fundamental para não hierarquizarmos os diversos tipos de comunicação. Ainda sobre este tema, você também pode falar sobre as diferentes formas de comunicação dentro de cada região, em que cada estado e até cidade possui sua especificidade, pois é importante não tratar as regiões de forma homogênea, como se todas as pessoas fossem iguais por essência.

Na disciplina de Língua Portuguesa, pode-se discutir sobre formas de nos comunicarmos em sociedade, propondo uma redação com este tema. Após os trabalhos serem realizados, você pode abrir uma discussão sobre este tema e pedir para as pessoas lerem seus próprios textos, caso se sintam à vontade. Aproveite a oportunidade para falar da comunicação em sala de aula, sobre como é necessário todos/as se escutarem para que o aprendizado seja bom e para que todos/as se sintam respeitados/as.



SE?

Neste tópico nós iremos dar algumas sugestões de como “se sair bem” caso aconteça alguma situação que acione diversos tipos de preconceito em seu cotidiano e como se posicionar diante delas. Por exemplo:

“Me disseram que ofendi alguém, mas eu não concordo. É só meu jeito de falar!”

R: Nem sempre aquilo que é comum para mim, pode ser para outra pessoa também. O que é apenas um jeito de falar para você, pode ser uma ofensa para outra pessoa, por isso é importante sempre estarmos atentos/as à forma que nos comunicamos.

“O relacionamento é meu, falo da forma que eu quiser!”

R: Em um relacionamento existem duas (ou mais) pessoas e, por isso, é importante prestar atenção em como você se comunica. Não é porque essa pessoa é sua/seu namorada/o, parente ou amiga/o que você pode falar de qualquer forma. Em um relacionamento saudável é importante respeitar os limites da outra pessoa. Não estar atenta/o a isso pode gerar um relacionamento abusivo.

“Essa forma de comunicação não-violenta não é coisa de macho! É coisa de mulherzinha/viado!”

R: Comunicação não-violenta é coisa de gente que respeita as/os outras/os. Homens não precisam ser agressivos e violentos para provar sua masculinidade. Comunicação não-violenta é coisa de homem sim!

“Macaco!!!”

R: Você sabia que isso é racismo⁷? Você sabia que racismo é crime? O racismo é uma forma de violência que tem por base a noção de que uma raça é superior à

⁷ Para saber mais sobre a discussão de Racismo, vá para o Volume 4 - *Poder, Relacionamentos e Violência(s)*



outra raça. Este tipo de violência pode ser em relação à questões raciais, cor da pele ou características físicas associadas a uma raça vista como inferior e tem como finalidade a eliminação de direitos humanos de determinado grupo racial. Em nosso contexto, o racismo violenta diariamente pessoas negras e isso acarreta em injustiças, dores emocionais, diminuição da autoestima e diversas outras consequências que afetam brutalmente as pessoas negras. [Resposta com base na Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989]

“Nossa, aquela pessoa é muito gorda! Parece uma baleia!”

R: Não tem problema nenhum em ser uma pessoa gorda. Ser uma pessoa gorda não é algo ruim, por isso, criar nomes pejorativos é uma forma de preconceito. Os corpos podem existir de diversas formas e não respeitar o direito da outra pessoa ser o que é pode gerar muitos problemas para a própria pessoa, como por exemplo, prejudicar sua autoestima. Muitas vezes acreditamos que ser magra é melhor e mais saudável, pois isso acaba sendo o corpo padrão, ou seja, aquele corpo que acreditamos ser mais aceito, saudável e bonito. Porém, ser uma pessoa gorda não é um problema e nem sinônimo de ser doente.

“Mas eu não tenho preconceito. Isso é só a minha opinião”

R: Se a sua opinião limita a liberdade de outra pessoa é preconceito sim. Quando você tem preconceito em relação a alguma pessoa, por exemplo, você se limita a entender e aprender com ela, ou seja, você não dá oportunidade para conhecer outra pessoa e se mantém fixo em uma ideia pré-concebida que restringe a sua visão de mundo e fere o direito da outra pessoa existir e viver longe de preconceitos.



COMO FAZER UM FANZINE

Depois de conversar sobre assuntos tão importantes, que tal transformar isso em um material que pode virar uma campanha comunitária, um diário, um jornal informativo ou mesmo algo que seja possível trocar com outras pessoas? O Fanzine funciona como uma ferramenta que possibilita a expressão de sentimentos, opiniões e até o debate de assuntos através de textos, imagens e colagens e apresenta um outro método para discussões e para o exercício da criatividade.

Concretizar a imaginação e o pensamento em forma de Fanzine pode ser bastante interessante uma vez que ele poderá circular tanto dentro, quanto fora da escola.

A nossa proposta é incentivar as/os alunas/alunos a confeccionarem seus Fanzines ao final de cada volume da Caixa de Ferramentas ou quando você achar necessário (por exemplo, quando você quiser incentivar a turma a debater mais sobre determinado assunto, etc). Para fazer o Fanzine é necessário papel A4, tesoura, cola, canetas coloridas, revistas ou jornais e colocar suas ideias no papel!

1 - Dobre o papel ao meio ao comprido (estilo hotdog)

2 - Dobre o papel ao meio novamente (estilo hamburger)

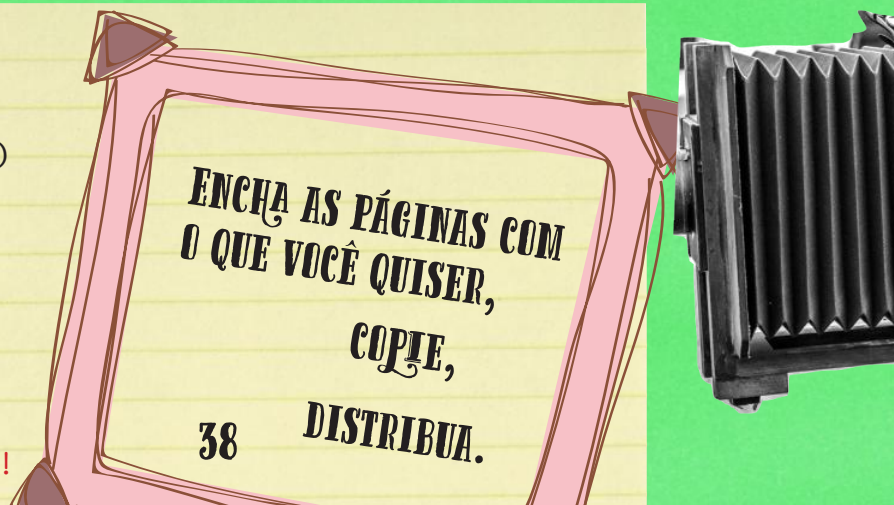
3- Dobre o papel ao meio mais uma vez.

4 - Desdobre o papel. Ele deve ter agora 8 seções retangulares

5-Pegue o estilete (ou a tesoura, o que você achar que funciona melhor) e corte ao longo entre os dois pontinhos demarcados. (fig A)

6- Dobre o papel ao longo dessa mesma linha (estilo hotdog)
7 - Agora dobre as páginas de modo que o meio apareça, basicamente formando uma cruz (fig. B)

8 - Eis o seu ZIIINE!



MATERIAIS:

- papel A4
- estilete

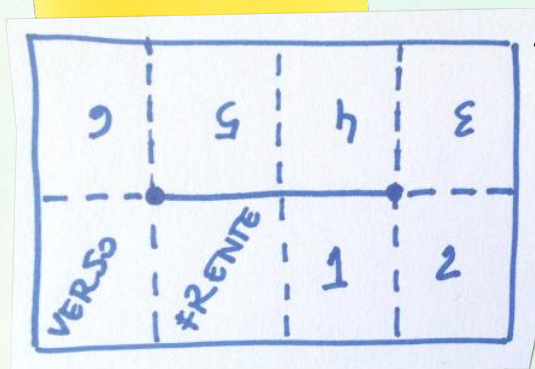


FIG. A

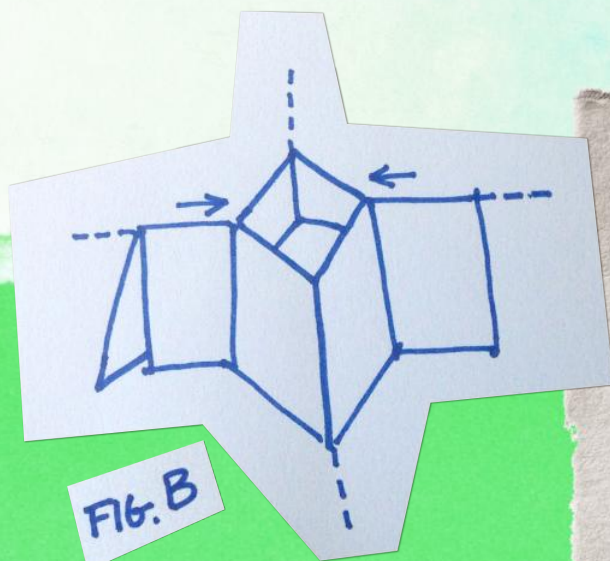
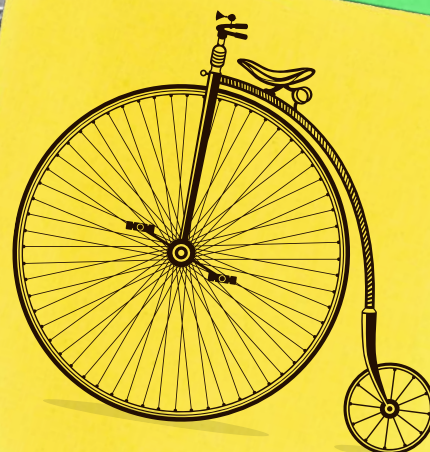
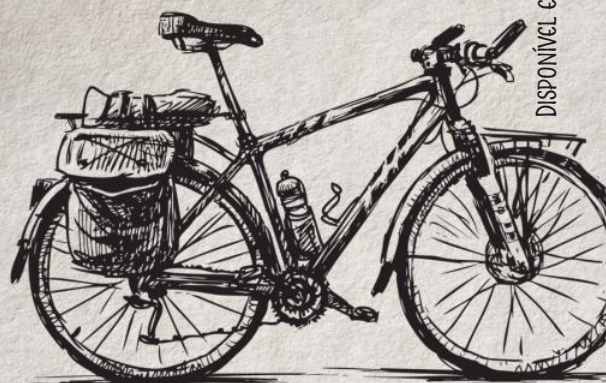


FIG. B



CRIANDO UMA
CAMPANHA
COMUNITÁRIA

Objetivo: Despertar a capacidade de reflexão e mobilização coletiva sobre questões importantes para a comunidade.

Tempo recomendado: mínimo de 6 horas (veja nas dicas para planejamento)

Materiais necessários: cartolinas ou papel pardo para cartaz, lápis e canetas coloridas, tesouras, colas, revistas velhas.

Dicas para planejamento: O período necessário para realizar esses passos irá depender dos recursos disponíveis e pode levar semanas. É desejável que as pessoas que são o público-alvo da campanha possam participar do planejamento também. Isso gera uma campanha mais próxima, eficaz e mobiliza mais as pessoas.

Passo a passo:

- Nessa atividade, vamos pensar no tema da prevenção de violência contra crianças e adolescentes com a perspectiva de gênero.
- O primeiro passo é fazer uma avaliação de necessidades: reunir o grupo para refletir sobre comportamentos, atitudes e conhecimentos que influenciam ou produzem vulnerabilidade à violência de gênero de crianças e adolescentes. Estas informações podem ser obtidas por levantamento de pesquisas no local ou até mesmo por um grupo de debates com o público da campanha. Podem ser feitas perguntas como:
 1. Como são os comportamentos de homens e mulheres em seus relacionamentos?
 2. O que homens e mulheres entendem por um relacionamento com base na igualdade?
 3. Quais são os principais obstáculos que enfrentam para terem relações baseadas no respeito?
 4. Quais são as expectativas dos homens e seus medos?
 5. Como são tratadas as meninas na escola/comunidade/ entorno?
 6. Quais são suas expectativas, sonhos, medos?
 7. Que informações são necessárias para a prevenção da violência de gênero de crianças e adolescentes?(acertar paragrafo/alinhar)

- Depois de levantadas essas informações, é importante focalizar, isto é, definir com mais detalhes o perfil “típico” do público que a campanha pretende alcançar. Uma técnica útil para definir as características do público é a de criar um perfil de personagem. Veja se as perguntas abaixo são pertinentes para o público com que você está trabalhando. Peça que imaginem uma ou mais pessoas com quem a campanha irá se comunicar de acordo com essas perguntas:

1. Qual seu nome?
2. Que idade tem?
3. Onde vive?
4. Trabalha?
5. Estuda?
6. Como se veste?
7. Quem são seus amigos?
8. O que faz para se divertir?
9. O que deseja ser? Quais obstáculos encontra?
10. Que tipo de música escuta?
11. Como conhece ficantes/namoradas/os?
12. Que tipos de meninas/os prefere?
13. Está ficando ou namorando com alguém? Fale sobre essa pessoa (Quem é? O que faz? Como conheceu?)
14. Como é tratado/a pela/o namorada/?
15. O que as/os amigas/os acham da relação?
16. O que as/os familiares acham da relação?
17. Como se sente na relação?
18. O que pensa da escola?
19. O que forma suas atitudes e opiniões?
20. Trabalha? O que faz no dia-a-dia?
21. Que espaços frequenta?
22. Quais são seus ídolos?
23. Como busca informações?
24. Com quem conversa sobre sexo?
25. Sofre algum tipo de violência?
26. Comete algum tipo de violência?
27. Que preconceitos tem?
28. O que gostaria de mudar no meio em que vive?
29. O que poderia fazer para mudar isso?
30. O que fazer para evitar violências?
31. Como se imagina daqui a 5 anos?

De acordo com o perfil, vocês poderão criar estratégias e mensagens que se comuniquem com mais eficiência com o grupo. Desenvolver mensagens é o passo que geralmente requer mais tempo e criatividade. **As mensagens de campanha que são positivas e orientadas à ação costumam ser mais atraentes e inspiradoras que aquelas que culpam as pessoas e/ou enfocam somente as consequências negativas.**

Depois de fazer o perfil, vocês podem mapear as influências e informações que as pessoas recebem sobre o tema da violência de gênero. O passo seguinte é o de definir quais mídias (ex.: rádio, revistas, "outdoors", cartazes, redes sociais) e canais sociais (ex.: amigas/os educadoras/es, celebridades locais) seriam mais estratégicos para alcançar o público com mensagens sobre modelos positivos, que promovem a prevenção da exploração sexual de crianças e adolescentes. Se tiver pouco dinheiro ou dinheiro nenhum para campanha, é preciso usar bastante a criatividade para alcançar as pessoas. Um passo importante é buscar parceiros que podem apoiá-lo, mas antes você precisa convencê-las/os sobre o apoio da mobilização de todos pela garantia dos direitos de crianças e adolescentes.

Dica: A campanha deve ir além da simples oferta de informações, mas tratar de normas e percepções relacionadas a comportamentos e assim permitir uma reflexão individual e coletiva sobre o tema.

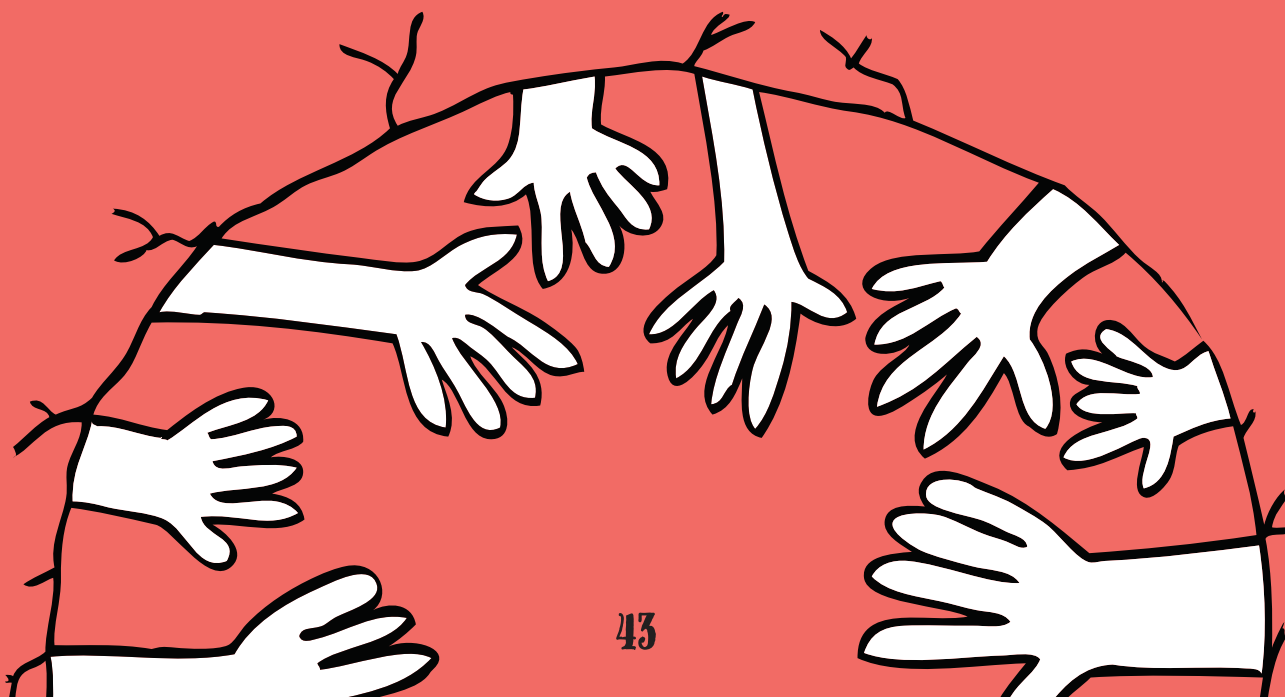
Se quiser conhecer exemplos de algumas campanhas dê uma olhada nesses links:

<http://promundo.org.br/recursos/sem-vergonha/>

<http://promundo.org.br/2014/11/13/brincar-ajuda-jovens-e-pais-a-dialogarem-sobre-sexualidade/>

<http://promundo.org.br/2014/06/18/nao-e-curticao-e-exploracao/>

<http://promundo.org.br/recursos/voce-e-meu-pai/>



DICAS

Sites para visitar:

www.jornalistaslivres.org

www.ninja.oximity.com

Filmes para assistir:

AS VANTAGENS DE SER INVISÍVEL

Direção: Stephen Chbosky, 2012

Sinopse: Charlie é um jovem que tem dificuldades para interagir em sua nova escola. Com os nervos à flor da pele, ele se sente deslocado no ambiente. Sua professora de literatura, no entanto, acredita nele e o vê como um gênio. Mas Charlie continua a pensar pouco de si... até o dia em que dois amigos, Patrick e Sam passam a andar com ele.

COMO ESTRELAS NA TERRA

Direção: Aamir Khan, 2007

Sinopse: O jovem Ishaan tem muita dificuldade para se concentrar nos estudos, e mal consegue escrever o alfabeto. Depois de diversas reclamações da escola, o pai, que acredita que Ishaan não faz as tarefas por falta de compromisso, decide levá-lo a um internato, o que leva o menino a entrar em depressão. Mas, um professor substituto de artes, Nikumbh, logo percebe o problema de Ishaan, e entra em ação com seu plano para devolver a ele a vontade de aprender e, sobretudo, viver.

INTOCÁVEIS

Direção: Olivier Nakache, Éric Toledano, Olivier Nakache & Éric Toledano, 2012

Sinopse: Um acidente de paraquedas deixa um milionário aristocrata tetraplégico e ele contrata um jovem recém-saído da prisão para ser seu cuidador. Esta narrativa apresenta a diferença entre empatia e compaixão.

MILK, A VOZ DA IGUALDADE

Direção: Gus Van Sant, 2008

Sinopse: Início dos anos 70. Harvey Milk é um nova-iorquino que, para mudar de vida, decidiu morar com seu namorado Scott em San Francisco, onde abriram uma pequena loja de revelação fotográfica. Disposto a enfrentar a violência e o preconceito da época, Milk busca direitos iguais e oportunidades para todas/os, sem discriminação sexual. Com a colaboração de amigos e voluntários/as (não necessariamente homossexuais), Milk entra numa intensa batalha política e consegue ser eleito para o Quadro de Supervisor da cidade americana de São Francisco em 1977, tornando-se o primeiro gay assumido a alcançar um cargo público de importância nos Estados Unidos.

UM AMIGO INESPERADO

Direção: Simon Shore, 2006

Sinopse: É a História de Kyle Gram, um menino autista. O pai e mãe de Kyle fazem de tudo para tentar se comunicar com ele até que o menino ganha de presente um cachorro que recebeu o nome de Thomas. Através do cachorro, a relação de Kyle com seu pai e sua mãe se torna melhor e isso faz com o que menino consiga se comunicar com eles.

PRECIOSA

Direção: Lee Daniels, 2009

Sinopse: Preciosa é uma garota de 16 anos que passou por diversos tipos de abusos. A menina foi abusada sexualmente pelo pai, abusada psicologicamente pela mãe, foi abandonada pelo poder público e passa preconceito nos espaços públicos. Preciosa se encontrava sem nenhuma perspectiva de vida até o momento em que sua professora a propõe enxergar o poder do amor. A partir de então, a vida de Preciosa começa a ganhar algum sentido.

O DISCURSO DO REI

Direção: Tom Hooper, 2011

Sinopse: Desde os 4 anos, George é gago. Este é um sério problema para um integrante da realiza britânica, que frequentemente precisa fazer discursos. George procurou diversos médicos, mas nenhum deles trouxe resultados eficazes. Quando sua esposa, Elizabeth o leva até Lionel Logue um terapeuta de fala de método pouco convencional, George está desesperançoso. Lionel se coloca de igual para igual com George e atua também como seu psicólogo, de forma a tornar-se seu amigo. Seus exercícios e métodos fazem com que George adquira autoconfiança para cumprir o maior de seus desafios: assumir a coroa, após a abdicação de seu irmão David.

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS

Direção: Peter Weir, 1990

Sinopse: Em 1959 na Welton Academy, uma tradicional escola preparatória, um ex-aluno se torna o novo professor de literatura, mas logo seus métodos de incentivar os alunos a pensarem por si mesmos cria um choque com a ortodoxa direção do colégio, principalmente quando ele fala aos seus alunos sobre a "Sociedade dos Poetas Mortos".

VEM DANÇAR, 2006

Direção: Liz Friedlander

Sinopse: Pierre Dulaine é um dançarino de salão profissional, que se torna voluntário para dar aulas de dança em uma escola pública de Nova York. Ele tenta apresentar seus métodos clássicos, porém logo enfrenta resistência dos alunos, mais interessados em hip hop. É quando deste confronto nasce um novo estilo de dança, mesclando os dois lados e tendo Pirre como mentor.

WHIPLASH - EM BUSCA DA PERFEIÇÃO

Direção: Damien Chazelle, 2015

Sinopse: O solitário Andrew é um jovem baterista que sonha em ser o melhor de sua geração e marcar seu nome na música americana como fez Buddy Rich, seu maior ídolo na bateria. Após chamar a atenção do reverenciado e impiedoso mestre do jazz Terence Fletcher, Andrew entra para a orquestra principal do conservatório de Shaffer, a melhor escola de música dos Estados Unidos. Entretanto, a convivência com o abusivo maestro fará Andrew transformar seu sonho em obsessão, fazendo de tudo para chegar a um novo nível como músico, mesmo que isso coloque em risco seus relacionamentos com sua namorada e sua saúde física e mental.

Leituras complementares:

Barbier, R. (2002). **Escuta sensível na formação de profissionais de saúde**. Recuperado: 20 nov 2011. Disponível: <http://www.saude.df.gov.br/FEPECS>.

Melo, Camila Olivia de. **Do palco ao asfalto, dos meios aos corpos : observando os tentáculos da performance-polvo como estratégias comunicativa-educativa**. Camila Olivia de Melo – Curitiba, 2014. 130 f.

MENDES, Deise Maria L. Fernandes; PESSOA, Luciana Fontes. Comunicação afetiva nos cuidados parentais. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 18, n. 1, p. 15-25, Mar. 2013. Disponível em :http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722013000100003&lng=en&nrm=iso

TRIVELLATO, Aline Jacob; CARVALHO, Cíntia; VECTORE, Celia. Escuta afetiva: possibilidades de uso em contextos de acolhimento infantil. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 299-307, Dec. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572013000200012&lng=en&nrm=iso>

SERVIÇOS:

REDE DE PROTEÇÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

A escola é uma instituição que faz parte da rede de proteção e garantia dos direitos das crianças e adolescentes. Esta rede é composta não só pela Educação, mas também por outras instâncias e serviços dos campos da Saúde, Justiça, Assistência Social, Cultura, Esporte e Lazer.

Muitas vezes quando pensamos em um funcionamento em rede, imaginamos os serviços funcionando em uma estrutura pronta, esperando para serem acessados, com todos os seus procedimentos pré-definidos, desde a porta de entrada até as medidas e os encaminhamentos cabíveis. No entanto, na prática as/os profissionais da Educação percebem que o trabalho em rede é tecido por pessoas, se fortalecendo a cada contato, estando sempre em construção. O trabalho requer um investimento permanente que não se esgota no primeiro contato, mas na medida em que se trilha este caminho, o mesmo vai ganhando concretude. Cada situação é singular e, dado o contexto, a leitura dos sujeitos envolvidos vai delineando o caminho a ser construído.

É importante, no surgimento de uma situação de violência/violação, ter uma postura atenta e cuidadosa, buscando uma conversa prévia com as instituições parceiras e possíveis encaminhamentos com objetivo de discutir a situação a partir da construção de linhas de cuidados (pertinentes a cada parceiro) e esclarecendo aspectos importantes da situação. É neste contexto inicial que se começa a tecer a própria rede de proteção para cada caso. O encaminhamento por si só não garante a continuidade no acompanhamento, sendo necessário manter o diálogo permanente sobre as situações. Muitas vezes isso gera certas tensões, que podem estar relacionadas ao modo como cada instituição entende ou pode oferecer determinado cuidado. A noção de cuidado é bastante ampla, não correspondendo muitas vezes ao nosso referencial acerca do que seja cuidar, ou ainda, pode acontecer em um tempo diferente do que possamos supor como ideal. É importante entender que essas diferenças fazem parte de um trabalho em rede.

Muitos serviços já estão acostumados a receber profissionais da educação para discutir casos que precisam ser acompanhados em rede e definir coletivamente as ações. Diversas são as maneiras disso acontecer. Na saúde, por exemplo, existem fóruns territoriais e supervisões de território (reuniões que envolvem vários parceiros), além da possibilidade de se marcar uma discussão específica.

Frente às situações de violência/violação de direitos de crianças e adolescentes, qualquer profissional da escola, pode buscar os seguintes parceiros que compõem a Rede de Garantia de Direitos:

NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO:

- Coordenadoria Regional de Educação – Instituição responsável pela orientação e acompanhamento das escolas.
- Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares (NIAP) – Trabalho realizado por Assistentes Sociais, Psicólogas/os e Professoras/es com objetivo de contribuir para o fortalecimento das equipes das Unidades Escolares de modo que se reconheçam e se consolidem como parte da rede de proteção à criança e ao adolescente.

NO ÂMBITO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL:

- Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é uma unidade de atendimento socioassistencial de famílias. É o principal equipamento da Proteção Social Básica materializando a política de assistência social.
- Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) – Segue as normas do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), funcionando como polo de referência das ações de Proteção Especial de Média e Alta Complexidade e tem como foco fortalecer e potencializar as ações em benefício das famílias em situação de vulnerabilidade social.

NO ÂMBITO DA SAÚDE:

- CAPSi – Centro de Atendimento Psicossocial da infância e adolescência: Serviço de saúde mental voltados para o atendimento de crianças e adolescentes, composto por equipe interdisciplinar
- Equipes de Estratégia de Saúde da Família: a porta de entrada é a atenção básica.
- Hospital Geral – Em caso de emergência de saúde.
- Postos e Clínica da Família – Atendimento ambulatorial

NO ÂMBITO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL:

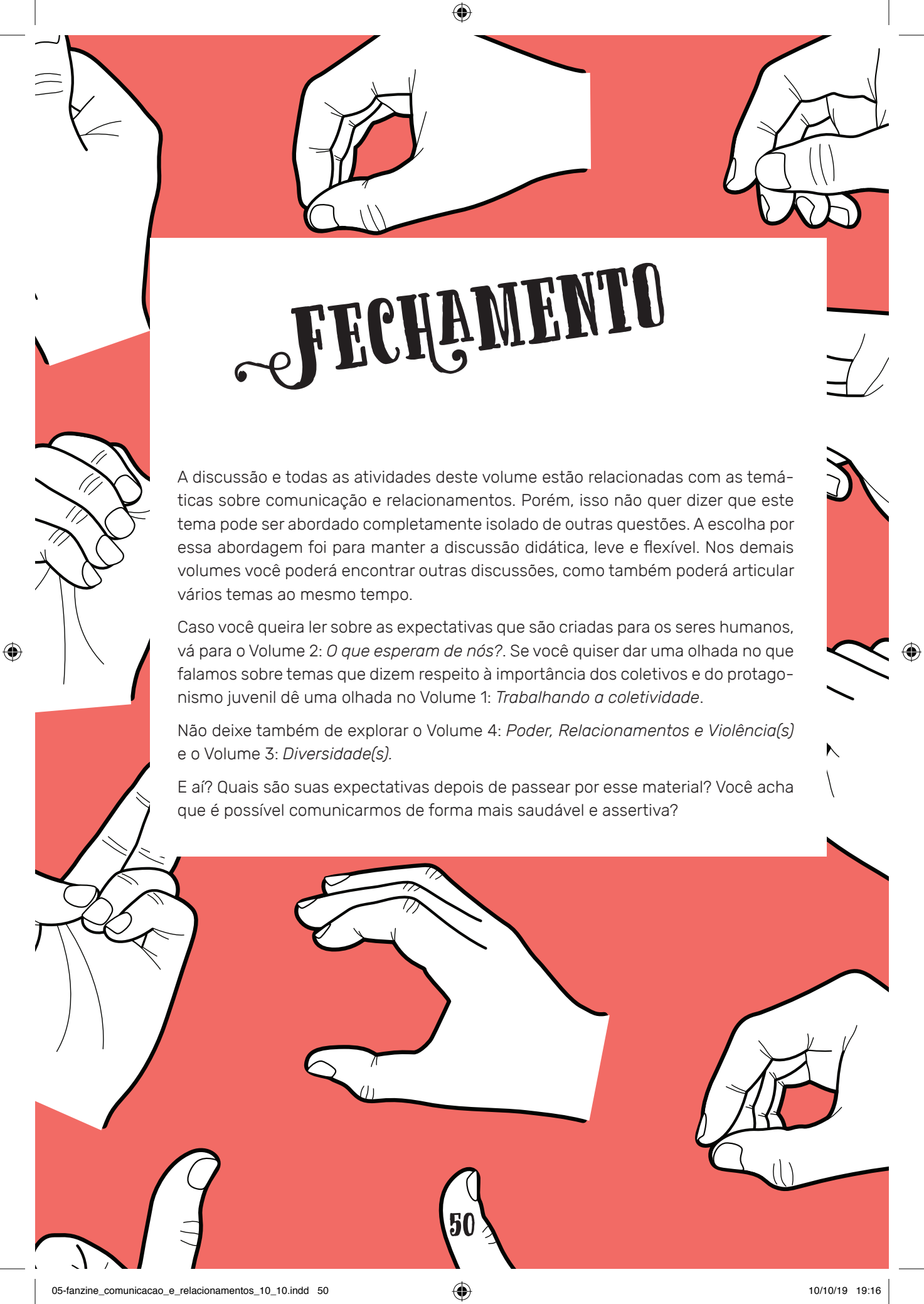
- Conselho Tutelar da área – É um órgão autônomo para garantia de direitos da criança e do adolescente. É constituído por uma equipe técnica de psicólogas/os, assistentes sociais e pedagogas/os, além das/os conselheiras/os, que estão aptas/os a receber as/os profissionais da escola.

Indicamos duas ferramentas que estão disponíveis para uso público em casos de violação de direitos, tais como: O aplicativo Proteja Brasil, que localiza os serviços de encaminhamento próximo de quem o está utilizando, além de trazer informações pertinentes sobre os diferentes tipos de violação e o Disque 100, que é uma possibilidade de comunicação anônima de denúncia e/ou pedido de ajuda.

Em anexo neste volume pode encontrar uma lista de contatos de diversos serviços de assistência aos quais pode recorrer e que pode inclusive compartilhar com seus colegas e alunos, ou mesmo afixar na sua sala de aula, espaço de oficina ou outro local com boa visibilidade para que mais pessoas tenham acesso a essa informação.

**EU SOU,
TU ÉS, NÓS
SO(MA)MOS.**





FECHAMENTO

A discussão e todas as atividades deste volume estão relacionadas com as temáticas sobre comunicação e relacionamentos. Porém, isso não quer dizer que este tema pode ser abordado completamente isolado de outras questões. A escolha por essa abordagem foi para manter a discussão didática, leve e flexível. Nos demais volumes você poderá encontrar outras discussões, como também poderá articular vários temas ao mesmo tempo.

Caso você queira ler sobre as expectativas que são criadas para os seres humanos, vá para o Volume 2: *O que esperam de nós?*. Se você quiser dar uma olhada no que falamos sobre temas que dizem respeito à importância dos coletivos e do protagonismo juvenil dê uma olhada no Volume 1: *Trabalhando a coletividade*.

Não deixe também de explorar o Volume 4: *Poder, Relacionamentos e Violência(s)* e o Volume 3: *Diversidade(s)*.

E aí? Quais são suas expectativas depois de passear por esse material? Você acha que é possível comunicarmos de forma mais saudável e assertiva?

GLOSSÁRIO

Abuso sexual de crianças e adolescentes – É a utilização do corpo de uma criança ou adolescente por um adulto, com intencionalidade sexual. O abuso sexual acontece com ou sem o uso de violência física, através de sedução, chantagem, ameaça ou mentiras, baseada numa relação desigual. Consiste em um ato ou jogo sexual em que o/a autor da violência está em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais avançado que a criança ou adolescente. Geralmente, este adulto tem uma relação de afeto, confiança, parentesco e autoridade com a criança ou adolescente, o que, muitas vezes, faz com que a vítima se cale e obedeça aos pedidos feitos pelo/a abusador/a. Ocorre em lugares considerados mais seguros, como casa, escola e igreja.

Além das formas de abusos COM contato físico (carícias, tentativas de obter relação sexual, masturbação, sexo oral, vaginal ou anal), há aquelas SEM contato físico. Aqui lembramos de práticas de abuso sexual que, às vezes, não são reconhecidas⁸:

- **Voyerismo** – Ato de observar relações ou órgãos sexuais de outras pessoas quando elas não desejam ser vistas, no qual o/a observador/a obtém satisfação sexual com essa prática.
- **Exibicionismo** – Ato de mostrar os órgãos genitais ou se masturbar em frente a crianças ou adolescentes ou dentro do campo de visão deles.
- **Abuso sexual verbal/telefonemas obscenos** – Pode ser definido por conversas sobre relações sexuais destinadas a despertar o interesse sexual da criança ou adolescente.

Assédio sexual – Caracteriza-se pelo ato de uma pessoa, que tenha um cargo ou uma posição superior, constranger outra pessoa a prestar favores sexuais. Manifesta-se por meio de propostas indecorosas, falas obscenas e pressão para ter relações sexuais sem que o outro deseje, mas que, no entanto, se sinta constrangido em reagir ou se defender por se encontrar em uma posição ou cargo inferior ao do/a agressor/a.

8 Fonte: BRASIL. SDH. MEC. Guia escolar: métodos para identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Brasília: SDH e MEC, 2004, p.30. Disponível em: http://www.mpdf.t.mp.br/portal/pdf/unidades/promotorias/pdij/Publicacoes/Guia_Escolar.pdf

Bissexualidade - Atração afetiva e/ou sexual por pessoas de ambos os gêneros.

Cisgênero - É o termo utilizado para se referir às pessoas que se identificam (se reconhecem) com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Isto significa que, se uma pessoa foi marcada como mulher no nascimento e se ela se reconhece como mulher ao longo de sua vida, é uma mulher cisgênero⁹.

Coação sexual - Ato de pressionar uma pessoa para obter favores sexuais ou qualquer conduta física ou verbal de natureza sexual.

Construção social - É a formação de normas, significados, valores, símbolos sociais e regras empreendidas pela sociedade, com base em práticas tanto individuais, quanto sociais de cada pessoa. Esse movimento é contínuo, uma vez que a sociedade redefine e renegocia essas questões constantemente.

Contracepção de emergência - Contracepção de emergência é um recurso contraceptivo feito à base de doses de hormônios que impedem a ovulação, a fecundação do óvulo pelos espermatozoides e a implantação do óvulo no útero, impedindo o início da gravidez. A contracepção de emergência não é um método abortivo e precisa ser feita até 72 horas após a relação sexual. É um recurso emergencial que pode evitar uma gravidez não planejada.

Desigualdade - Diz respeito a uma circunstância que privilegia algo ou alguém em relação ao outro. As circunstâncias que privilegiam alguns são construídas socialmente, sendo muitas vezes associada à ideia de injustiça.

Desigualdade social - Considera que existem processos relacionais na sociedade que têm o efeito de limitar ou prejudicar o status de um determinado grupo, classe ou círculo social, não se verificando um equilíbrio no padrão de vida dos seus habitantes, seja no âmbito econômico, escolar, profissional, de gênero, entre outros. A desigualdade social é uma porta para outros tipos de desigualdades, como a desigualdade de gênero, desigualdade racial, desigualdade regional, entre outras.

Desigualdade de gênero - A questão da desigualdade entre homens e mulheres é um fator histórico. É possível perceber que desde a Antiguidade a mulher é tratada como ser inferior ao homem devido a diversas crenças religiosas que legitimavam tal perspectiva e que permeavam os costumes sociais. Apesar das mulheres cada vez cada vez mais se posicionarem em cargos de chefias em diversas empresas do Brasil e do mundo, assumindo e reafirmando sua posição social, na grande maioria dos casos, elas possuem uma jornada dupla de trabalho, na qual trabalham fora e, além disso, devem também trabalhar em casa. Este tipo de naturalização se configura como uma grande desigualdade.

Desigualdade racial - Toda e qualquer disparidade socioeconômica sistemática e persistente com base na raça ou cor de pele não-branca com mecanismos de sustentação através do tempo. No caso brasileiro, a desigualdade racial tem origem no regime de escravidão e perdura até os dias atuais por meio da exploração por parte

⁹ Ver Pessoas Trans

de pessoas brancas em relação a pessoas negras e indígenas. Essa desigualdade se reflete no acesso a bens, serviços, oportunidade e como as relações sociais se estabelecem.

Diferença - Caráter que distingue um ser de outro ser, seja no todo ou em algum aspecto particular. As diferenças podem ser visíveis através dos sentidos ou serem detectadas por questões simbólicas, não sendo desejável que sejam eliminadas. Vale lembrar que a diferença em nosso contexto social pode promover desigualdade.

Discriminação - Discriminar significa “fazer uma distinção”. O significado mais comum tem a ver com a discriminação sociológica, baseada em alguma característica da pessoa: a discriminação social, racial, política, religiosa, sexual, idade, entre outros.

Discriminação racial - Discriminação racial é um conceito que normalmente é confundido com racismo (e que o abarca), mas se trata de conceitos que não necessariamente coincidem. Enquanto o racismo se baseia na superioridade de uma raça ou etnia em relação à outra, a discriminação racial é um ato que, embora esteja fundado em uma perspectiva racista, nem sempre o está. Ou seja, é preciso deixar explícito que a discriminação racial positiva (quando as discriminações têm como objetivo garantir a igualdade das pessoas afetadas) constitui uma maneira de discriminação cujo objetivo é combater o racismo. Exemplo disso são as cotas universitárias para pessoas negras.

Educação de pares - É a troca de saberes entre semelhantes, ou seja, entre pessoas ou grupos que têm o mesmo perfil e compartilham as mesmas vivências, o que facilita o intercâmbio de conhecimentos e práticas.

Empoderamento - Palavra que vem do inglês “empowerment”, utilizada em movimentos sociais, para falar do processo de conquista, avanço e superação por parte de um grupo ou indivíduo, sujeito ativo do processo, que vivia uma situação de opressão.

Equidade de gênero - Processo de justiça entre as relações de gênero. Processo que leva à igualdade, através de medidas que compensam as desvantagens sociais e históricas e consideram as diferentes necessidades para que homens e mulheres possam gozar do mesmo status e tenham condições de alcançar suas aspirações.

Estereótipos - Generalização abusiva que distorce a realidade. Um exemplo é representar as mulheres sempre como esposas e mães, desconsiderando que elas trabalham, que não necessariamente se casam e querem ter filhos, e que têm vida social ativa. Outro é representar os homens sempre como chefes de família e incapazes de cuidar dos/as filhos. Os estereótipos de gênero apresentam as diferenças entre o comportamento de homens e mulheres como se fossem qualidades e fraquezas inerentes a cada gênero, ou seja, de nascença, de natureza.

Estigma - No contexto social, o estigma é considerado um processo de desvalorização, produzindo e reforçando desigualdades sociais já existentes, tais como aquelas relacionadas à raça, classe, gênero e orientações sexuais.

Estupro – Um ato violento que utiliza da força como meio de impor uma relação sexual não consentida. A pena de reclusão varia de 6 a 10 anos de prisão.

Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes (ESCCA)- É o ato de submeter crianças e adolescentes à relações sexuais não consentidas visando remuneração ou troca de favores, que podem ser direcionados à própria criança ou adolescente, à sua família ou ainda aos agenciadores deste tipo de trabalho sexual. Esta violência abarca: a exploração, o comércio do sexo, a pornografia infantil ou a exibição de espetáculos sexuais públicos ou privados.

Feminilidade - Se refere às características e comportamentos considerados por uma determinada cultura como associados ou apropriados a mulheres.

A feminilidade nos homens tal qual a masculinidade nas mulheres, é normalmente considerada negativa por agir contra os papéis tradicionais. Um estereótipo comum para homens homossexuais é de que são afeminados, em que exageram em comportamentos femininos.

Feminismo - É um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens, que se começou a popularizar no mundo ocidental nas primeiras décadas do século XX a partir da luta pela regulamentação do voto feminino.

O feminismo, como muitos pensam erroneamente, não é um movimento sexista, ou seja, que defende a figura da mulher sobre o homem, mas sim uma luta pela equidade entre ambos os gêneros. Atualmente, não são apenas as mulheres que se intituam ou compartilham de pensamentos feministas, existindo homens que partilham da mesma visão de liberdade e direitos igualitários entre os sexos.

Gay - Homem que se relaciona afetiva e sexualmente com outros homens e se reconhece como tal.

Gênero - Refere-se aos comportamentos, atitudes, crenças, papéis relacionados ao que é ser homem ou mulher, aprendidos através da família, dos amigos, instituições culturais e religiosas, meios de informação, enfim, através de todas as relações estabelecidas pelos indivíduos.

Heterossexualidade - Atração afetiva e/ou sexual por pessoas do gênero oposto.

Homofobia - É um termo utilizado para identificar o ódio, a aversão ou a discriminação de uma pessoa contra homossexuais e, conseqüentemente, contra a homossexualidade. Pode também incluir formas sutis, silenciosas e insidiosas de preconceito e discriminação contra homossexuais. O termo homofobia pode estar relacionado a homens gays e à mulheres, sendo que para mulheres lésbicas costuma-se utilizar lesbofobia por questões de visibilidade.

Homossexualidade - Atração afetiva e/ou sexual por pessoas do mesmo gênero.

Homossexuais - Homens ou mulheres que possuem atração sexual ou afetiva por pessoas do mesmo sexo. O movimento de mulheres lésbicas prefere utilizar o termo lésbica para dar mais visibilidade a esse grupo e suas particularidades.

Igualdade de gênero - Significa que qualquer pessoa, independentemente do gênero com o qual se identifica goza do mesmo status, ou seja, compartilhar das mesmas oportunidades e condições para realizar os seus direitos e potenciais humanos e contribuir com todas as esferas da sociedade (econômica, política, social e cultural) e se beneficiar delas.

Intersexual¹⁰ - Pessoas que podem ter características sexuais incluindo cromossomos, gônadas e/ou órgãos genitais que podem dificultar a identificação de uma pessoa como totalmente mulher ou homem. É comum que as pessoas acreditem que devam ser feitas cirurgias “reparatórias” em crianças intersexuais, contudo, é necessário destacar que a intersexualidade tem a ver como você se percebe em relação ao seu gênero, ou seja, é a própria pessoa intersexual que deve escolher seu gênero.

Lésbicas - Mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres.

LGBTI - Movimento social de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais.

Machismo - É o comportamento, expresso por opiniões e atitudes, de uma pessoa que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros, favorecendo e enaltecendo o masculino sobre o feminino. Ou seja, é a ideia errônea de que os homens são “superiores” às mulheres.

O machismo está impregnado nas raízes culturais da sociedade há séculos, tanto no sistema econômico e político mundial, como nas religiões, na mídia e no núcleo familiar, este último apoiado em um regime patriarcal onde a figura masculina representa a liderança.

Misoginia - Ódio ou aversão às mulheres.

Opressão - Efeito negativo experimentado por pessoas que estão em uma posição de subjugação na sociedade ou em um grupo social.

Orientação sexual - É a atração que temos por uma ou várias pessoas tanto no âmbito afetivo, como sexual. Os seres humanos podem, legitimamente, se interessar pelo gênero oposto, pelo mesmo gênero ou ainda por ambos os gêneros. Serão respectivamente heterossexuais, homossexuais (gays e lésbicas) ou bissexuais.

Preconceito - Um conceito elaborado antes mesmo de uma constatação dos fatos. Utiliza-se de características encaradas como universais, buscando atribuí-las a todo e qualquer sujeito. Porém, quando isto não ocorre, a pessoa é vista de forma negativa, podendo chegar a ser excluída de espaços.

Pornografia infantil - Produção, reprodução, direção, fotografia, filmagem ou registro, por qualquer meio, de cena de sexo explícito ou pornográfica, envolvendo criança ou adolescente. A pena de quatro a oito anos de prisão e multa, atinge também quem agencia, facilita, recruta, coage, contracenou ou de qualquer modo intermedeia a participação de criança ou adolescente nesse tipo de situação.

¹⁰ Para saber mais: <http://transfeminismo.com/dez-ideias-falsas-sobre-pessoas-intersexo/>

Racismo – É um ato de discriminar as pessoas baseado na raça ou cor da pele e tem como finalidade a diminuição ou a anulação dos direitos humanos das pessoas discriminadas. É uma forma de exercício de poder opressivo. O racismo consiste na ideia de que algumas raças são inferiores à outras atribuindo desigualdades sociais, culturais, políticas e/ou psicológicas à “raça” e, portanto, legitimando as diferenças sociais a partir de supostas diferenças biológicas. Historicamente o racismo tem servido para justificar uma série de genocídios (crimes contra a humanidade e diversas formas de dominação das pessoas).

Rede de proteção - União de pessoas, entidades e serviços em prol da garantia dos direitos da criança e do adolescente. A família, a escola e a comunidade podem atuar de modo conjunto e complementar a fim de proteger a criança.

Sexo - Refere-se aos atributos e características biológicas (genitália).

Sexualidade – É a expressão dos nossos sentimentos, pensamentos e desejos que incluem a atração afetiva/sexual por outras pessoas.

Socialização - É o processo pelo qual o ser humano aprende e interioriza os elementos socioculturais do seu meio, podendo corresponder às normas do contexto social em que vive ou passar por sanções/constrangimentos ao rejeitar a imposição de certas normas sociais.

Tráfico de crianças e adolescentes - Essa prática criminosa promove a saída ou entrada de crianças e adolescentes do território nacional, estadual ou municipal para inseri-las no mercado do sexo. Em 2004, o Brasil tornou-se signatário do Protocolo Facultativo para a Convenção sobre os Direitos da Criança relativos à Venda de Crianças e Pornografia Infantil. Um ano depois o País incluiu no Código Penal o artigo 231-A, passando a tipificar como crime o tráfico interno de pessoas para fins sexuais.

Tráfico de mulheres - São as atividades que envolvem o recrutamento e o deslocamento para trabalhos ou serviços, dentro ou fora das fronteiras nacionais, por meio de violência ou ameaça de violência, abuso de autoridade ou posição dominante, cativo por dívida, fraude e outras formas de coerção. O tráfico de pessoas tem como o objetivo a exploração, trabalhos forçados, servidão doméstica, escravidão ou práticas similares à escravidão ou, ainda, a doação involuntária de órgãos para transplante.

Transfobia - É um termo utilizado para identificar o ódio, a aversão ou a discriminação de uma pessoa contra pessoas trans.

Pessoas Trans¹¹ - São pessoas que não estão de acordo com o gênero indicado no nascimento. Ou seja, de uma forma geral o médico anuncia antes mesmo do nascimento se será uma menina ou um menino. Uma pessoa trans não está de acordo com gênero que lhe foi atribuído. Por exemplo, se ao nascer o gênero indicado foi masculino, mas ao crescer esta pessoa entende-se como mulher, trata-se

11 Ver Cisgênero

de uma mulher trans. O movimento de travestis e transexuais no Brasil conseguiu conquistar alguns direitos nos últimos anos, como por exemplo, a Portaria MS nº 1.820 para o uso do nome social no SUS. Contudo, uma das maiores lutas desse movimento é pelo fim da patologização das identidades trans. É importante destacar que o Brasil é um dos países que mais mata pessoas trans e a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de 35 anos, sendo que uma pessoa que não é trans tem expectativa de 78 anos.

Durante muito tempo houve uma forte diferenciação entre travestis e transexuais, atribuindo às pessoas transexuais uma ideia de que todas gostariam de fazer cirurgia de redesignação sexual, entre outras coisas. Contudo, hoje o movimento de travestis e transexuais, além do movimento transfeminista, entende que cada pessoa deve identificar-se da forma que quiser, não impondo uma diferenciação entre travestis e transexuais do ponto de vista médico ou psicológico.

Violência – É um comportamento que causa intencionalmente dano ou intimidação a outra pessoa ou ser vivo. Tal comportamento pode ferir a autonomia, integridade física ou psicológica e até mesmo a vida de outro. É o uso de força contra uma pessoa.

Violência doméstica contra crianças e adolescentes – Fenômeno que ocorre dentro da família, caracterizado por maus-tratos ou abuso (físico, psicológico, sexual e trabalho infantil doméstico) e negligência, tendo o ambiente familiar como local de práticas violentas.

Violência psicológica – Inclui humilhação, ameaça, insulto, como por exemplo, pressionar o/a parceiro/a, além de expressões de ciúme ou de posse, tais como o controle das decisões e das atividades. É a forma de violência mais difícil de ser identificada.

Violência física – Uso da força física contra alguém. Pode incluir ações como bater, dar um tapa, empurrar, etc.

Violência institucional – É resultante da falta de acesso aos serviços necessários que as pessoas que vivenciam situações de violência têm direito. Pode se caracterizar também pela má qualidade ou inadequação do atendimento desses serviços, que representa mais uma agressão a pessoas que buscam assistência depois de serem agredidas.

Violência moral – Qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Violência patrimonial – Qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos.

Violência sexual – É qualquer ato sexual não consentido ou a tentativa de obtê-lo por meio da intimidação psicológica, emocional ou força física. Considera-se violência sexual, também, qualquer conduta que constranja uma pessoa a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade; que a impeça de usar qual-

quer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez ou ao aborto, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; limitando ou anulando o exercício de seus direitos sexuais e direitos reprodutivos.

Virilidade - Culturalmente, o estereótipo de virilidade está relacionado com o comportamento masculino; seja sexualmente, psicologicamente ou fisicamente. Dessa forma, o homem viril, musculoso, com aparência peluda, com voz grave e um forte desempenho sexual permanecem como um modelo de homem ideal.

Vulnerável - Trata-se da designação de “grupos ou indivíduos fragilizados, jurídica ou politicamente, na promoção, proteção ou garantia de seus direitos de cidadania”. Segundo o artigo 217 A – Lei nº 12.015/09, vulnerável é o conjunto de pessoas que por questões ligadas a gênero, idade, condição social, deficiência, orientação sexual, raça, regionalidade, religião, entre outras, tornam-se mais suscetíveis à violação de seus direitos.

Vulnerabilidade social - Diz respeito às situações de menos privilégios sociais. Podemos perceber, por exemplo, os aspectos em nossa sociedade que podem funcionar como uma barreira à prevenção e ao autocuidado: nem todos os/as jovens têm acesso à informação e a serviços de saúde específicos; as mulheres ainda têm muita dificuldade para negociar o uso da camisinha com seus parceiros; a divulgação da distribuição de preservativos e outros métodos contraceptivos é insuficiente, como também, há o estigma sobre quem busca por estes métodos contraceptivos; o número de programas de prevenção e de atendimento a adolescentes vítimas de violência ainda é muito pequeno.

Referências Bibliográficas

Arruda, Silvani, Agente M, **Promovendo Saúde e equidade de gênero entre adolescentes e jovens**, Rio de Janeiro, Instituto Promundo, AstraZeneca, 2014

Promundo, Salud e Gênero, ECOS, Instituto Papai, World Education, **Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde**, Rio de Janeiro, Instituto Promundo, 2008

ALGUNS SERVIÇOS DE APOIO NO RIO DE JANEIRO:

NAVIS – Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência

Rua dos Inválidos 152 – Centro – Rio de Janeiro | Telefone: 3399-3837 | Atendimento: 2ª a 6ª feira de 9h às 18h; sábado de 9h às 17h

NÚCLEO ESPECIALIZADO NO ATENDIMENTO À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA (NUDEM)

Av. Marechal Câmara 314/térreo – CEP 20020-080 | Telefone: (21) 2299-2272 | Referência: Perto da Santa Casa | Atendimento: 1º atendimento 2ª e 5ª feira M/T

Linha 180 – Central de Atendimento à Mulher – Serviço Nacional

Ligue: 180

O número 180 é uma linha telefônica em nível nacional criada pela Secretaria Especial de Política para as Mulheres (SPM) do Governo Federal. Este número pode ser acessado em todo território nacional.

Disque Mulher

Telefone: (21) 2299-2121 | Atendimento: de 2ª a 6ª feira de 9 às 17h

Ouvir Mulher (RJ)

Telefone: (21) 2503-4622 | Atendimento: 2ª a 6ª feira de 8h às 17h

Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher no Estado do Rio de Janeiro (DEAM)

Todas as DEAMs estão subordinadas à Divisão de Polícia de Atendimento à

Mulher (DPAM) – Coordenadoria das DEAMs.

Rua da Relação 42/11º andar – Centro – Rio de Janeiro | Telefone: (21) 3399-3060

Número de Telefone das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher

DEAM LEGAL-RIO (CENTRO)

Rua Visconde de Rio Branco 12 – Praça Tiradentes | CEP 20060-080 | Telefone: (21) 3399-3370, 3399-3377, 3399-3373 e 3399-3379 | Referência: Praça Tiradentes

DEAM-CAXIAS

Rua Tenente José Dias 344 – Centro – CEP 25110-305 | Telefone: (21) 3399-3710, 3399-3708 | Telefone/fax (21) 2671-7757 | Referência: Em frente ao Colégio Santo Antônio

DEAM-NOVA IGUAÇU

Rua Joaquim Sepa 180 – Marco 2 – CEP 26261-100 | Telefone: (21) 3399-3720, 3399-3721 e 2667-4121 | Telefone/fax (21) 3399-3718 | Referência: Dois pontos de ônibus depois da Faculdade de Nova Iguaçu

DEAM LEGAL-OESTE

Av. Maria Tereza s/nº – Campo Grande – CEP 23050-160 | Telefone: (21) de 3399-5710 até 3399-5718 | Referência: Pegar entrada para Estrada do Mendanha na Av. Brasil. Próximo ao Hospital Rocha Faria; ao lado da 35ª DP

DEAM-NITERÓI

Av. Ernani do Amaral Peixoto 577 - Niterói | CEP 24020-073 | Telefone: (21) 3399-3700, 3399-3701, 3399-3698 e 3399-3703 | Referência: Em frente ao Fórum, no prédio da 76ª DP

DEAM-SÃO GONÇALO

Av. 18 do Forte 578 - Mutuá - CEP 24635-000 | Telefone: (21) 3399-3730, 3399-3733 e 3399-3731 | Referência: Após o Clube Mauá, primeira rua à direita, ao lado da 72ª DP.

DEAM LEGAL-BELFORD ROXO

Av. Retiro da Imprensa 800 - Belford Roxo | Nova Pian - CEP 26112-180 | Telefone: (21) 3399-3980 e 3399-3985 | Referência: Após o Habbib's primeira à direita e primeira à esquerda. Ao lado da 54ª DP

DEAM LEGAL-JACAREPAGUÁ

Rua Henriqueta 197 - Tanque - CEP 22735-130 | Telefone: (21) 3399-7580, 399-7581, 3399-7585 e 3399-7587 | Telefone:/fax (21) 3392-2186 | Referência: Rua do Posto de Saúde, do Corpo de Bombeiros e da Cedae. Ao lado da 41ª DP

DEAM-VOLTA REDONDA

Av. General Newton Fontoura 540 | Aterrado Nossa Senhora das Graças | Telefone: (24) 3399-9140, 3399-9141 e 3399-9142 - Telefone:/fax (24) 3399-9148 | Referência: Rua atrás da 93ª DP

ABRIGOS DE ATENÇÃO ÀS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Os Abrigos de atenção às mulheres que sofreram violência doméstica são locais que podem ser acessados pelas vítimas que estão em situação de risco de vida. Nestes espaços as mulheres também podem levar seus filhos e

filhas. Os endereços não são divulgados com o intuito de proteger as vítimas.

Casa Abrigo Maria Haydée Pizarro Rojas - Rio de Janeiro

Atendimento: 24 horas | Encaminhamento: através do Rio Mulher | Telefone: (21) 2222-0861 ramais 205, 206, 228 e 231

Casa Abrigo Lar da Mulher - Rio de Janeiro

Atendimento: 24 horas | Encaminhamento: através do Disque Mulher | Telefone: (21) 2299-2121

Casa Abrigo Deiva Rampini - Volta Redonda

Atendimento: 24 horas | Encaminhamento: através da Casa Berta Lutz | Telefone: (24) 3345-4444 - Ramal: 268

Casa da Mulher Benta Pereira - Campos de Goytacazes

Atendimento: 24h | Encaminhamento: através do NIAM | Telefone: (22)2735-3925

SERVIÇOS DE SAÚDE COM FOCO NO ATENDIMENTO DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Instituto Municipal da Mulher Fernando Magalhães

O Instituto da Mulher Fernando Magalhães atende as mulheres que foram vítimas de violência sexual e é uma instituição que realiza o aborto previsto em lei.

Rua General José Cristino 87 - São Cristóvão | CEP 20921-400 | Telefone: (21) 2580-8343 - Ramal: 231 e 2580-1132 | Atendimento: 24 horas | Referência: Perto do Campo de São Cristóvão

SOS Mulher - Centro de Atenção à

Mulher Vítima

Rua do Prado 325 - Santa Cruz - CEP 23555-012 | Telefones: (21) 2299-7809, 2299-7810, 2299-7811, 2299-7812 | Referência: Perto da estação de Santa Cruz | Atendimento: 24 horas

Hospital Geral de Nova Iguaçu (Hospital da Posse)

Av. Henrique Duque Estrada Mayer 953 - Posse | Nova Iguaçu - CEP 26030-380 | Telefones: (21) 3779-9900 ramal 245 Tel/fax (21) 2667-4152 | Atendimento: 24 horas

Hospital Universitário Antonio Pedro (HUAP)

Rua Marques do Paraná 303 - Centro - Niterói | CEP 24030-210 | Telefone: 2629-9070

Hospital Maternidade Alexander Fleming

Rua Jorge Schimidt 331 - Marechal Hermes | CEP 21610-345 | Tel (21) 2450-2580 e 2450-2007 (Gabinete) | Atendimento: 24 horas | Referência: Próximo à Comlurb e à 30ª DP

Unidade Integrada de Saúde Herculano Pinheiro

Av. Ministro Edgard Romero 276 - Madureira | CEP 21360-200 | Telefone: (21) 3390-0180 e 3390-8374 | Atendimento: 24 horas | Referência: Em frente ao Mercado de Madureira

Hospital Maternidade Carmela Dutra

Rua Aquidabã 1.037 - Lins de Vasconcelos | CEP 20720-290 | Telefone: (21) 2597-3552 e 2269-5446 (gabinete) | Atendimento: 24 horas | Referência: Paralela à Rua Dias da Cruz

Hospital Maternidade Oswaldo Nazareth

Praça XV de Novembro 4 fundos - Centro | CEP 20010-010 | Telefone: (21) 2507-6001 e 2224-3875 | Atendimento: 24 horas | Referência: Perto da estação das barcas

Hospital Municipal Lourenço Jorge

Av. Ayrton Senna 2.000 - Barra da Tijuca | CEP 22775-000 | Telefone: (21) 3111-4600, 3111-4603 e 3111-4607 | Atendimento: 24 horas | Referência: Atrás do BarraShopping

Hospital Municipal Miguel Couto

Rua Mário Ribeiro 117 - Gávea - CEP 22431-000 | Telefone: (21) 3111-3800, 3111-3711 e 3111-3712 | Referência: Em frente ao estádio do Flamengo

Hospital Municipal Paulino Werneck

Estrada do Cacuia 745 - Ilha do Governador | CEP 21921-001 | Telefone: (21) 3111-7700 / 3111-7705

Hospital Municipal Salgado Filho

Rua Arquias Cordeiro 370 - Méier - CEP 20770-000 | Telefone: (21) 3111-4100 e 3111-4101 | Referência: Próximo à estação de trem

Hospital Municipal Souza Aguiar

Praça da República 111 - Centro - CEP 20211-350 | Telefone: (21) 3111-2630 e 3111-2601 | Referência: Em frente ao Campo de Santana

Atendimento e Informações às Mulheres Soropositivas (HIV/Aids)

Hospital Universitário Pedro Ernesto/Grupo Parceiros da Vida

Boulevard 28 de Setembro 87/5º andar - Vila Isabel | CEP 20551-030 | Anfiteatro-Setor de Ginecologia | Telefone: 2587-6153, 2587-6157 e 2587-6506 | Reuniões toda primeira 5ª feira do mês, das 14h às 16:30h

Disque Saúde

Ligue 0800-611997 | Orientações sobre saúde e informações sobre DST/Aids | Atendimento: 2ª a 6ª feira das 8h às 18h

Centro de Referência em Direitos Humanos para Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Aliados

Serviço prestado pela Sociedade Civil em parceria com a Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos.

Av. Rio Branco 131 - 16º andar - Centro - Rio de Janeiro | CEP 20040-006. | Telefone: 3399-1304 / 3077-9116 | Atendimento: 2ª a 6ª feira, das 10h às 18:30h

FUNDAÇÃO PARA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (FIA)

Órgão do Governo do Estado do Rio de Janeiro, que presta os seguintes serviços:

• Programa de Atenção à Crianças e Adolescentes Vítimas de maus tratos

Telefone: (21) 2293-2099, 3971-1902 e

2293-0958

• Disque-Denúncia "Combate à Exploração Sexual"

Telefone: (21) 2504-1688

• SOS Criança Desaparecida

Telefone: (21) 2286-8337, 2299-1434, 2286-7631 e 2226-6375 | soscriancas-desaparecidas@fia.rj.gov.br

• Programa Procuro Minha Família

Ajuda a localizar parentes de pessoas que estão ou estiveram abrigadas em instituições públicas

Telefone: (21) 2579-2154, 2299-1470 e 2527-0598 | Rua Voluntários da Pátria 120 - Botafogo | CEP 22270-010 | Atendimento: 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h. | www.fia.rj.gov.br

• Disque Denúncia de abuso, exploração sexual praticados contra crianças e adolescentes

Telefone: 0800-990500 | Atendimento: 2ª a 6ª feira, das 8h às 18h

Instituto ProMundo

O Instituto Promundo é uma organização não-governamental que busca prevenir a violência contra mulheres, crianças e jovens no Brasil e no mundo.



Textos

Thayz Athayde
Rafaela Cotta
Linda Cerdeira

Equipe Instituto Promundo

Danielle Araújo - Pesquisadora Sênior
Danielle Lopes - Coordenadora de Projetos
Elisabete Pessanha - Consultora
Linda Cerdeira - Coordenadora de Projetos Sênior
Milena do Carmo - Coordenadora de Projetos
Mohara Valle - Consultora de Comunicação

Programação visual

REC Design

Financiamento

United Nations Trust Fund

Projeto desenvolvido em Cooperação com o Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, com a colaboração do Núcleo de Atendimento à Violência.

